



Faculdade Evangélica

FACULDADE EVANGÉLICA DE BRASÍLIA

CURSO DE TEOLOGIA

WALKIRIA OZÓRIO CORRÊA

**O ENCONTRO DE JESUS CRISTO E MARIA MADALENA: O
alvorecer de um novo tempo em João 20.**

BRASÍLIA

2014

WALKIRIA OZÓRIO CORRÊA

**O ENCONTRO DE JESUS CRISTO E MARIA MADALENA: O
alvorecer de um novo tempo em João 20.**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção de diploma de Pós-graduação
no Curso de Teologia da Faculdade
Evangélica de Brasília, em 2014/1.

Orientador: Prof. Alexandre Coelho

BRASÍLIA

2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

WALKIRIA OZÓRIO CORRÊA

O ENCONTRO DE JESUS CRISTO E MARIA MADALENA: O alvorecer de um novo tempo em João 20.

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção de diploma de Pós-graduação
no Curso de Teologia da Faculdade
Evangélica de Brasília, apresentado em
Abril de 2014 e aprovado com nota ____.

BANCA EXAMINADORA

1. Prof. Alexandre Coelho (Presidente / FÉ / DF) _____

O Alvorecer de um novo tempo.

É Madrugada

E, Madalena, solitária sai em busca de Jesus.

Só encontra o vazio e a dor

Ela chora e questiona: - “Onde está o meu Senhor?”

Ele vem ao seu encontro

E a chama pelo nome

O choro e a dor cessam

O vazio é preenchido

O sol já vem surgindo

E com ele a Esperança, Jesus, o alvorecer de um novo tempo...

Tempo de igualdade,

Tempo de Encontro,

Tempo de serviço.

(CORRÊA, Walkiria. Não publicado)

RESUMO

Esse trabalho se propõe a investigar o ambiente que fundamentou a redação do quarto Evangelho, e de forma mais precisa, o capítulo 20, versículos 10 a 18, com o escopo de responder: em que medida o comportamento e ensino de Jesus em seu ministério terreno, e, principalmente, o mais comovente de todos os encontros, o Encontro de Jesus Cristo e Maria Madalena, naquela manhã de domingo, no jardim da ressurreição afetou a vida das mulheres de sua época? O trabalho foi dividido em três partes e, na primeira seção apresentou uma breve contextualização do evangelho de João, palco da narrativa analisada. Na segunda parte exibe relatos da caminhada humana das mulheres visando comparar como era a vida delas antes e depois do Encontro com Jesus Cristo, e ao ser feito esse contraponto é que se comprova o caráter subversivo do tratamento dispensado a elas. No último tópico, realiza-se a análise exegética e hermenêutica em busca de responder em que medida as atitudes de Jesus afetaram a vida das mulheres de sua época. Contudo, não se tem a presunção de esgotar o assunto, visto que o propósito desse ensaio é tão somente suscitar a discussão.

Palavras-chave: Mulher, Discípula, Jesus Cristo, Maria Madalena, Encontro, Ressurreição, Evangelho de João.

¹ Graduada em Teologia – Faculdade Evangélica de Brasília e Pós-graduanda em Hermenêutica Bíblica - Faculdade Evangélica de Brasília. E-mail: walkiriazorio@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intento conhecer e declarar de que maneira o novo e inusitado modo de Jesus se relacionar com a sociedade alcançou a vida das mulheres de sua época, haja vista que o seu comportamento inverteu totalmente a maneira habitual de se proceder naquele tempo, quando por razões diversas Ele acolheu aos marginalizados como as mulheres, os escravos, e as crianças.

O evento motivador que impulsionou a autora na direção dessa temática permanece o mesmo desde o ano de 2011 quando da sua participação em uma assembleia geral da denominação da qual faz parte, ocasião em que presenciou inflamados debates sobre a não admissão da mulher ao ministério pastoral. Essa situação a lançou em busca de aprofundar o assunto, visando suscitar uma discussão bíblica e livre de preconceitos, haja vista que o tema acerca da ordenação feminina tem sido debatido não apenas na Academia, mas também em outras denominações, sem, contudo, chegar a um consenso.

No entanto, a intenção nesse ensaio não é debater sobre a possibilidade ou não da ordenação feminina. Uma das razões que busca verticalizar um pouco mais o debate é a tentativa de desviar, o tanto quanto possível, o que a autora tem se deparado em inúmeras obras: a utilização, em larga escala por ambos os lados, favoráveis e desfavoráveis, do método texto-prova, o qual o intérprete procura alguns textos bíblicos que apoiem a sua posição sobre determinado aspecto.

Ocorre que essa abordagem tende a ignorar o contexto histórico e gramatical, utilizando as Escrituras como uma coletânea de dizeres para cada situação em particular. O que em nossa percepção é completamente inadequado visto que textos individuais pertencem a unidades maiores. Em razão disso, esse método, torna-se muito suscetível a fazer ajustes rápidos e fáceis das palavras forçando que elas digam o que se deseja que elas digam, ignorando completamente o propósito original pretendido pelo autor.

Por tudo isso, a porção bíblica escolhida para estudo foi o evangelho de João. Contudo, ocorre que, didaticamente, tornou-se necessário fazer um corte no referido livro, em razão da impossibilidade metodológica que seria analisá-lo em sua integralidade, e em tão curto espaço. Por isso, a atenção será deslocada do livro como um todo, e se concentrará apenas no capítulo 20: 10-18. Todavia, sob

qualquer hipótese, nenhuma das análises irá desconsiderar a mensagem essencial do referido evangelho: Cristo como personagem central.

Ademais, a metodologia de pesquisa adotada será a análise exegética, onde se faz uma análise buscando o significado simples, claro e direto das palavras. Como também, uma minuciosa aproximação do contexto em que o autor original estava falando e para qual comunidade falava.

O arcabouço deste artigo consiste em destacar o seguinte: No primeiro tópico, focou-se a atenção nos aspectos estruturais do Livro de João, apresentando as evidências internas e externas acerca da autoria, como também data e local da redação e sua relação com os sinóticos. Apresenta também, de forma mais particularizada, algumas concepções sobre João 20.

Na segunda seção, a autora foca sua atenção nas inúmeras experiências humanas das mulheres. Para que isso fosse possível optou em apresentar não um quadro, como se fosse uma pintura, imóvel, apenas expondo as narrativas acerca da vida das mulheres, mas, um panorama vivo da caminhada terrena das mulheres antes e depois de se encontrarem com Jesus.

No terceiro e último tópico é dada uma atenção especial à narrativa central desse ensaio, o grande Encontro entre o Ressuscitado Jesus Cristo e Maria de Magdala. Nesse momento é feita uma análise exegética e hermenêutica em busca de responder em que medida as atitudes de Jesus Cristo afetaram a vida das mulheres de sua época?

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO DE JOÃO

Breve abordagem do quarto evangelho. O presente tópico propende, de forma abreviada, expor informações acerca do quarto evangelho, o qual é palco da narrativa, objeto desse estudo. Contudo, vale salientar, que essa tarefa não se apresenta como algo muito fácil, visto que o referido evangelho, desde longa data, tem sido alvo de muitas divergências entre os estudiosos. Nesse sentido, Bruce assevera:

Especialmente durante os últimos cem anos, o quarto evangelho tem sido objeto central de disputas intermináveis. Fala-se no 'enigma do quarto evangelho', e o que é por um lado aceito com toda confiança como solução adequada, é semelhantemente rejeitado por outro como inadequado (2010, p.61).

Muito se discute sobre quem redigiu o quarto evangelho e, em geral, as opiniões são muito díspares, mas o foco não é “quem é o autor, e, sim, se o autor é João, o filho de Zebedeu, segundo afirmou a tradição eclesiástica” (VIELHAUER, 2005, p. 481). Ainda no que diz respeito ao nome do autor do quarto evangelho vale salientar que

assim como os sinóticos, o referido evangelho é formalmente anônimo e, esse título, evangelho de João, foi anexado tão logo os quatro evangelhos canônicos começaram a circular juntos, como uma só obra, o evangelho quádruplo, isso para distingui-lo dos demais (CARSON, 2007, p. 69).

Sobre as evidências externas, Vielhauer noticia que os testemunhos antigos do evangelho de João são discordantes, mas assevera que a “opinião que se impôs vitoriosamente de que o filho de Zebedeu seria o autor aparece pela primeira vez em Irineu”² (2005, p. 484), o qual conviveu pessoalmente com Policarpo³, tendo sido por ele muito influenciado, tornando-se fonte das principais informações que se tem hoje do quarto evangelho⁴ (CARSON, 1997, p.156).

O fato é que Irineu despendeu muitos esforços na tentativa de comprovar a apostolicidade de João e a maior obra⁵ de sua vida se desenvolveu no campo da literatura polêmica contra o gnosticismo⁶ (CAIRNS, 2008, p. 94).

² Acredita-se que Irineu de Lião (130-200) tenha nascido em Esmirna (atual Turquia) e se estabelecido posteriormente em Roma. Por volta de 178 tornou-se Bispo de Lião, cargo que manteve até a sua morte, vinte anos depois. Ele é especialmente conhecido por sua defesa enérgica contra o gnosticismo (MCGRATH, 2007, p. 39). É denominado o pai da dogmática católica, visto ter sido o primeiro a procurar apresentar um sumário uniforme de toda a Escritura, considerando-a a única fonte de fé (HÄGGLUND, 2003, p. 37).

³ Policarpo (70-155) foi bispo de Esmirna por muitos anos, martirizado em 155, tendo sido queimado numa estaca. Pôde conhecer de perto a mente dos discípulos por ter sido discípulo de João. Em 110 escreveu uma carta em resposta aos Filipenses na qual faz muitas citações do Antigo e do Novo Testamento. Nesta repetiu muitas informações recebidas dos apóstolos, especialmente de João. É considerado como uma testemunha valiosa da vida e obra da Igreja primitiva no segundo século (CAIRNS, 2008, p. 63-64).

⁴ Irineu escreveu: Depois disso (depois de Mateus, Marcos e Lucas), o próprio João, o discípulo do Senhor que também estivera reclinado sobre seu peito, editou o evangelho quando se encontrava em Éfeso, na Ásia (VIELHAUER, 2005, p. 484). Em outras palavras, o nome do quarto evangelista é João e deve ser identificado como o discípulo amado referido em João 13.23 (CARSON, 1997, p.156).

⁵ Sua obra, *Adversus Haereses*, escrita por volta de 185 foi uma tentativa de refutar doutrinas gnósticas pelo uso das Escrituras (CAIRNS, 2008, p. 94).

⁶ Grande ameaça filosófica que tinha suas raízes fincadas nos tempos do Novo Testamento e o ápice de sua influência por volta do ano 150. Esse sistema surgiu do desejo humano de criar uma explicação para a origem do mal e o dualismo era um dos principais fundamentos. Defendiam uma separação entre os mundos material e espiritual, porque para eles a matéria estava sempre identificada com o mal e o espírito com o bem (CAIRNS, 2008, p. 83).

Vielhauer assevera que sua motivação residia na rejeição que sofria o quarto evangelho nos círculos eclesiásticos, principalmente, em razão do uso que os montanistas⁷ faziam desse evangelho ao afirmarem que “a promessa do Paracleto já se cumprira no presente”. (2005, p. 487).

Ratificando esse entendimento acerca das evidências externas, Carson diz que “não só Irineu, mas Clemente de Alexandria⁸ e Tertuliano⁹ fornecem sólidas evidências no século II em favor da convicção de que o apóstolo João escreveu esse evangelho” (1997, p. 157).

Se em relação às evidências externas existe uma abundância de pensamentos divergentes, são nas evidências internas que a problemática atinge seu ápice. Talvez, o único fato que não seja alvo de tanta contenda é que o autor do quarto evangelho seja um judeu¹⁰ e Palestino¹¹ (CARSON, 1997, p. 162), embora seja possível que estivesse afastado de sua terra de origem na data em que escreveu este evangelho (BRUCE, 2010, p. 64).

Entretanto, não há consenso se foi uma testemunha ocular; um apóstolo pertencente ao grupo dos doze, ou se era, de fato, o apóstolo João (CARSON, 1997, p. 162). Então, afinal, quem é o discípulo amado apresentado em João 13.23¹²?

⁷ O montanismo surgiu na Frígia após 155 como uma tentativa de Montano resolver os problemas do formalismo na Igreja e da dependência da Igreja de uma liderança humana, quando deveria depender do Espírito Santo. Essa tentativa de combater o formalismo e a organização humana levou-o a reafirmar as doutrinas do Espírito Santo e da Segunda Vinda. Contudo, verteu para o extremo oposto e concebeu equivocadas interpretações da Bíblia (CAIRNS, 2008, p. 87).

⁸ Sucessor de Panteno e segundo teólogo de renome na primeira instituição de educação superior criada em meados do século segundo em Alexandria (150-215). As principais características do sistema teológico foram desenvolvidas por Clemente, mas foi seu discípulo Orígenes quem o tornou famoso (HÄGGLUND, 2003, p. 51). Seus contemporâneos o conheciam como um mensageiro do cristianismo com aparência de filósofo. Era um professor de filosofia cristã motivado pela ânsia missionária de trazer outros amantes da sabedoria para a verdade de Jesus Cristo (SHELLEY, 2004, p. 90).

⁹ Pagão oriundo da cidade de Cartago no norte da África, convertido ao cristianismo com trinta e poucos anos de idade (160-225). Considerado o pai da teologia latina em função do grande impacto que teve sobre a igreja ocidental. Defendeu a unidade do Antigo e do Novo Testamento em oposição a Márcion, o qual alegava que ambos os Testamentos se referiam a deuses diferentes, lançando nessa defesa as bases para a doutrina da Trindade (MCGRATH, 2007, p. 39).

¹⁰ Quanto ao fato de ser Judeu, Bruce afirma que o autor mostra-se totalmente familiarizado com os costumes e usos judaicos, fazendo menção aos ritos de purificação (João 2.6) e à maneira de sepultamento (João 19.40), por exemplo (2010, p. 65).

¹¹ Possuía um conhecimento exato da Palestina ao descrever lugares e distâncias. Esse conhecimento pode ser considerado espontâneo e natural, sugerindo de forma enfática, a autoria de alguém nascido e criado nessa terra e, não de alguém cujo conhecimento da região resultava de visitas e peregrinações (BRUCE, 2010, p. 64).

¹² 'Ora, ali estava aconchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava' (Todas as narrativas bíblicas constantes no presente artigo tem por fonte comum a Bíblia Almeida revista e atualizada).

Carson ensina, em síntese, que são muitos fortes, embora não inquestionáveis, as evidências internas de que seja João, o filho de Zebedeu segundo a opinião tradicional. Eis alguns motivos:

Que o discípulo amado estava presente à Ceia¹³ (Jo 13.23); repetidamente é distinguido de Pedro¹⁴ e pelo mesmo motivo não deve ser confundido com quaisquer dos outros apóstolos mencionados em João 13-16; dos filhos de Zebedeu ele não pode ser Tiago, visto que Tiago foi o primeiro do grupo apostólico a ser martirizado¹⁵ (CARSON, 2007, p. 72-73).

Complementando o entendimento sobre quem seria o discípulo amado, Vielhauer afirma que “o discípulo ao qual Jesus amava teria que ser uma das três pessoas íntimas conhecidas nos sinóticos e Pedro estaria excluído por causa de João 21.20”, por exemplo (2005, p. 482).

Há quem duvide desses e de outros motivos favoráveis a João ser o discípulo amado alegando que a narrativa Bíblica não menciona claramente o seu nome. Carson afirma que há um bom motivo para isso: “o discípulo amado é ninguém menos que João e ele evita deliberadamente empregar seu próprio nome” (2007, p. 73).

Nos dias atuais tem sido enfática a negação da existência de qualquer relacionamento entre o discípulo amado e o quarto evangelista. Cabem aqui algumas considerações a esse respeito: com frequência o argumento tem sido sobre a própria expressão “discípulo amado” onde se afirma que nenhum cristão consideraria a si mesmo como o discípulo a quem Jesus amava.

Em resposta a isso, Carson assevera que “quando um escritor do Novo Testamento pensa em si mesmo como alguém que Jesus ama, isso nunca quer dizer que outros crentes não sejam amados ou que sejam de alguma forma menos amados”¹⁶ (1997, p. 166-167).

Outra argumentação muito utilizada pelos opositores quanto à motivação do evangelista ao não mencionar o seu próprio nome é que “ele prefere referir-se

¹³ Os sinóticos insistem que apenas os apóstolos estavam com Jesus naquela refeição (Marcos 14.17), o que coloca o discípulo amado entre os doze (CARSON, 2007, p. 72).

¹⁴ João 13.23-24; João 20.2-9; João 21.20.

¹⁵ Provavelmente martirizado perto do fim do reinado de Herodes Agripa I (41-44 d.C). Atos 2.1-2.

¹⁶ Essa sugestão revela profunda ignorância da dinâmica psicológica da experiência cristã: os que estão mais profundamente conscientes de seu próprio pecado sentem em maior profundidade as maravilhas da graça de Deus que os salvou, são os que têm maior probabilidade de falar de si mesmos como objetos do amor de Deus em Cristo Jesus (CARSON, 1997, p. 166).

indiretamente a si mesmo, com o intuito de concentrar a atenção naquele a quem ele serve, não precisando fundamentar explicitamente sua dignidade apostólica”, visto já ser bem conhecido do público que pretende alcançar (CARSON, 1997, p. 167).

Carson admite que apesar de alguns estudiosos apoiarem o fato de João ser o autor do quarto evangelho, a grande maioria rejeita essa ideia discordando e, até desconsiderando, as evidências externas, e principalmente as internas que são utilizadas como fundamento para essa teoria (2007 p. 69-70). Nesse sentido aduz Vielhauer (2005, p. 484):

No retrospecto aos testemunhos internos, tem que se constatar: o discípulo amado e o evangelista não são a mesma pessoa; nem um nem outro é João, o filho de Zebedeu; ambos permanecem anônimos. Se o redator pôde ter a ousadia de identificar o evangelista com o discípulo amado, então o evangelista deve ter sido uma personalidade muito ilustre, em todo caso no círculo ao qual pertence o redator e em cujo nome assevera: ‘sabemos que seu testemunho é verdadeiro’ (João 21.24).

Como demonstração de quão complicado e divergente é o assunto acerca da autoria, Brown¹⁷ ao reeditar sua obra “A comunidade do discípulo amado” admitiu categoricamente que havia modificado o seu entendimento passando a crer na total impossibilidade de harmonização entre as evidências externas e internas. Ou seja, ele não mais “identifica o discípulo amado com um dos doze, isto é, com João filho de Zebedeu” (1999, p. 34), era alguém de fora, mas certamente, um judeu com acesso à corte do sumo sacerdote (CARSON, 2007, p. 74).

Mas, independente de quem escreveu o quarto evangelho, é plenamente aceitável a hipótese de que o autor usou fontes escritas, assim como fez o evangelho de Lucas¹⁸ e, “uma das características do evangelho de João sobre a qual todos concordam é que, estilisticamente, ele é produto de uma só pessoa” (CARSON, 2007, p. 43).

Outra questão complexa é quanto ao lugar da redação. A opinião tradicional localiza o seu nascimento em Éfeso ou em algum outro lugar da Ásia Menor ocidental (VIELHAUER, 2005, p. 488). Nesse sentido, Carson alega que isso pode

¹⁷ O autor afirma que ao contrapor o discípulo amado a Pedro o quarto evangelho dá a impressão de que ele era um estranho ao grupo de discípulos que eram sumamente conhecidos, grupo esse que teria incluído João, filho de Zebedeu (1999, p. 34-35).

¹⁸ Lucas 1.1-4.

ter algum fundo de verdade, visto que os montanistas se valeram de João e que os mesmos se encontravam, em sua maioria, na Frigia, não muito longe de Éfeso (2007, p. 87). Contudo, também se admite que o evangelho, após ser escrito circulou naquela localidade, independentemente do local onde foi publicado pela primeira vez (CARSON, 2007, p. 87).

Com relação à data da sua redação, Vielhauer admite que essa possa ser estabelecida com mais exatidão supondo a virada do século I para o século II (VIELHAUER, 2005, p. 488), e apoiando esse entendimento, Mesters aduz que o evangelho de João deve ter ficado pronto por volta do ano cem (2000, p. 9). Não obstante, Carson, entende que em razão da ausência de uma prova definitiva, qualquer data entre 55 a 95 d.C é possível, mas arrisca a data de 80 d.C (2007, p. 82).

Quanto à linguagem neotestamentária, pode-se afirmar que esses escritos foram redigidos utilizando-se das mais variadas formas de expressão com o intuito de comunicar adequadamente a sua mensagem (WEGNER, 1998, p. 167). E, para que hoje, seja possível estabelecê-las, torna-se imprescindível determinar a situação padrão que gerou determinada forma de discurso (SILVA, 2009, p. 238).

Corroborando tal entendimento, Egger afirma que como em todo ambiente linguístico, situações frequentes fazem surgir modelos linguísticos, ou seja, certas situações específicas pedem uma forma linguística que lhe seja correspondente, e isso não foi diferente no quarto evangelho (1994, p. 145), visto que o modo de falar do autor, seus conceitos e figuras empregadas, que definitivamente o separa dos sinóticos, não se baseiam no gosto particular dele, mas sim, em seu ambiente (VIELHAUER, 2005, p. 473).

Nesse sentido, sabe-se que o movimento cristão surgiu em ambientes totalmente antagônicos e, por isso, sempre teve a necessidade de lutar para conquistar seu espaço e, muitos textos foram escritos com o escopo de promover e defender o cristianismo nascente. Assim sendo, os diálogos e discursos do evangelho de João, são na verdade “desenvolvidos numa controvérsia com interpretações gnósticas dos ditos de Jesus na forma de diálogos” e, contrariando essas interpretações, o Evangelho de João pede fé em Jesus, sendo a partir dessa perspectiva que João desenvolve os ditos de Jesus (KOESTER, 2005, p. 197).

Em razão disso, entende-se que o quarto evangelho possui dentre as várias formas de linguagem os “relatos de milagre”¹⁹, a “polêmica” e a “apologia” as quais se apresentam imersas sob a forma de discursos e narrativas (SILVA, 2009, p. 207; 233).

Concernente ao propósito desse evangelho, da mesma forma, muitas conclusões têm sido apresentadas como plausíveis. Uma dessas discussões será tratada abaixo quando se abordará se o autor dependeu ou não dos evangelhos sinóticos. Sem desejar antecipar o assunto, mas antecipando, Carson alega que essa hipótese impede “João de ser João”, visto que o principal propósito do livro seria descoberto ao se contrastar o que o autor do quarto evangelho fez com os sinóticos (2007, p. 88).

Outro motivo elencado gira em torno da assertiva que “um dos maiores objetivos de João era combater o gnosticismo”. Exegeses têm sido realizadas em várias partes desse evangelho, o qual se mostrou útil na batalha da igreja contra o gnosticismo, mas questiona-se se esse era o único e principal propósito na mente do autor (CARSON, 2007, p. 88).

Há também o que se denomina abordagem sintética onde são combinadas as melhores sugestões, de modo que demonstra que o objetivo do evangelho era “evangelizar judeus e helenistas, fortalecer a igreja, catequizar novos convertidos, gerar material para a evangelização dos judeus e assim por diante” (CARSON, 2007, p. 88).

E, de fato, existe ou não alguma relação entre o evangelho de João e os sinóticos? Griesbach²⁰ escolheu esse termo devido ao alto grau de semelhança no tocante à estrutura, conteúdo e enfoque vislumbrados em Mateus, Marcos e Lucas. Contudo, enfatiza que tais similaridades não visam tão somente unir os três evangelhos, mas separá-los do evangelho de João (apud CARSON, 1997, p. 19).

Caso se faça uma leitura apressada é possível concluir, erroneamente, que o quarto evangelho é integralmente distinto dos demais. “Todavia, não o podemos

¹⁹ Visa revelar a divindade, o messianismo ou, simplesmente, a natureza sobre-humana de Jesus. O autor do quarto evangelho descreve ações nas quais Jesus dá provas de seu poder, como por exemplo, milagres sobre a natureza e ressuscitações (SILVA, 2009, p. 207).

²⁰ Foi J.J. Griesbach, estudioso da Bíblia de nacionalidade alemã, quem no final do século XVIII chamou os três primeiros evangelhos de “evangelhos sinóticos”. Ensina que o adjetivo “sinótico” vem do grego *συνωπσις* (synopsis) e significa “ver em conjunto” (CARSON, 1997, p. 19).

isolar totalmente dos sinóticos, por que os pressupõe como conhecidos²¹” (CULLMANN, 2001, p. 31). Corroborando tal juízo, afirma Vielhauer que “na verdade, o evangelho de João relata como os sinóticos, a história de Jesus desde a atividade de Batista até a morte e a ressurreição, e traz algumas narrativas que têm paralelas nos sinóticos” (2005, p. 446). No mesmo sentido, Dodd alega que o quarto evangelho pertence de forma parcial aos sinóticos (1977, p. 13).

Sobre esse aspecto surgem os seguintes questionamentos: se o autor tinha prévio conhecimento e feito uso dos sinóticos, qual foi a sua intenção em transformar de forma tão perceptível e profunda a maioria dos dados constantes naqueles ao escrever o quarto evangelho? (CULLMANN, 2001, p. 31). “Ele escreveu um evangelho ‘espiritual’, como se afirma, escreveu para complementar os esforços dos demais, ou mesmo para suplantá-los?” (CARSON, 2007, p. 88).

Pode parecer contrassenso com relação à primeira pergunta, mas outro questionamento surge:

Se o autor tinha consciência da existência de um ou mais evangelhos sinóticos, por que ele não usou mais o material deles? Não que ele devesse usar tudo, mas não é de surpreender que ele não use temas deles perfeitamente compatíveis com o seu?²² (CARSON, 2007, p. 93).

Não existe apenas uma possibilidade de resposta. Eis aqui algumas: Carson alega que, certamente, João conhecia muito mais materiais que poderia utilizar, mas escolheu não fazê-lo. E, não se deve presumir que o seu silêncio acerca de algum assunto signifique ignorância da sua parte (CARSON, 2007, 93). Cullmann, por sua vez, alega que “em alguns pontos tem-se a impressão de que este evangelho quer retificar os dados sinóticos, como se estivesse melhor informado do que estes”²³ (2001, p. 31).

Konings assevera que, de fato, não era preciso simplesmente o autor repetir os evangelhos anteriores. Era preciso interpretá-los, pois, as expressões antigas

²¹ Por exemplo, em João 1.40, André é apresentado como irmão de Simão Pedro, contudo o texto ainda não havia se referido este (CULLMANN, 2001, p.31).

²² Não menciona a transfiguração, com sua antecipação da glória final de Jesus, a superioridade de Jesus sobre Moisés e Elias (CARSON, 2007, p. 93).

²³ Por exemplo, em João 3.24 se afirma que João (Batista) ainda não tinha sido encarcerado quando Jesus iniciou seu ministério público. Contrariamente, o Evangelho de Marcos 1.14 afirma que Jesus começou a pregar somente após o aprisionamento de João Batista (CULLMANN, 2001, p.31).

tenham se tornado ambíguas ou incompreensíveis²⁴ para o público a quem se dirigia, que certamente eram “cristãos que não mais conheciam os testemunhos diretos de Jesus” (1975, p. 13). Tudo isso porque no final do primeiro século, o ambiente cultural e religioso do cristianismo sofreu modificações profundas, como a forte presença da filosofia, o gnosticismo, o sincretismo, o docetismo ou negação da humanidade de Jesus (KONINGS, 1975, p. 13).

Porém, se após ponderar todas as respostas e, se chegar à conclusão que o evangelista era João, filho de Zebedeu, e, que tenha lido um ou mais dos evangelhos sinóticos, e se seu propósito ao escrever fosse evangelizar os judeus e os prosélitos da diáspora, então se pode concluir que o autor não escreveu com o escopo de corrigir os evangelhos que já se encontravam circulando e, sim, porque decidiu que aqueles eram inadequados aos seus objetivos (CARSON, 2007, 93).

Por fim, em razão das intermináveis alegações num e no outro sentido apresenta-se a defendida por Carson, que afirma que “a tese de que João é literariamente dependente de um ou mais evangelhos sinóticos não foi demonstrada de maneira indubitável, tampouco a tese contrária, de que João é literariamente independente dos sinóticos” (2007, p. 52).

Algumas concepções sobre João 20. Como dito anteriormente, o escopo desse tópico é expor informações gerais acerca do quarto evangelho, o qual é palco desse estudo. O que se espera ter feito.

À semelhança de praticamente todos os assuntos que cercam o quarto evangelho, quanto à estrutura do livro não será diferente: “num primeiro olhar sua estrutura básica parece bastante simples até que se comece a pensar com maior profundidade a respeito” (CARSON, 1997, p. 151).

Apesar dos estudiosos defenderem estruturas bem variadas, em geral, a estrutura desse livro se apresenta da seguinte forma: prólogo (1.1-18) e um apêndice ou epílogo (21.1-25) e, entre eles se encontram as duas seções centrais (1.19 – 12.50 e 13.1 – 20.31). Em geral, essas seções centrais são chamadas de “Livro dos Sinais” e “Livro da Glória, Livro da Paixão ou Livro da Exaltação”, respectivamente (CARSON, 1997, p. 151).

²⁴ Por exemplo, o termo ‘Filho de Deus’ podia ser entendido à maneira grega como um dos deuses ou semideuses. Por isso, o autor dedica muita atenção à Cristologia, explicando de forma aprofundada que Jesus é o Cristo (Messias) (KONINGS, 1975, p. 13).

Como visto acima, o quarto evangelho principia com o prólogo ou abertura²⁵ apresentando os temas a serem desenvolvidos no evangelho, e o faz, diferentemente, por exemplo, do evangelista Marcos que inicia pela narração ou de Mateus, pela genealogia. Essa seção inicial “trata da mesma realidade que o evangelho inteiro: a obra de Jesus Cristo, Palavra de Deus no mundo dos homens” (KONINGS, 1975, p. 18, 21).

Quanto ao primeiro tomo central, o quarto evangelho semelhantemente ao evangelho de Marcos, inicia com a descrição do testemunho de João Batista e a vocação dos primeiros discípulos. A segunda seção central inicia com os ensinamentos de Jesus no momento de sua despedida antes da paixão; em seguida narra a “História da Paixão” conforme o esquema sinótico demonstrando melhor a glória de Jesus; relata a Ressurreição de Cristo e Suas aparições (KONINGS, 1975, p. 18-20). E, finalmente essa “extensa unidade termina com uma concisa declaração do propósito do quarto evangelho” (CARSON, 1997, p. 155).

Por fim, o epílogo provindo do mesmo ambiente que os capítulos 1-20 (KONINGS, 1975, p. 20), “não somente amarra diversas pontas soltas, mas também, de diversas maneiras simbólicas prevê o crescimento da igreja e a diversidade de dons e chamados dentro da igreja. Apropriadamente ele termina com a grandeza de Jesus” (CARSON, 1997, p. 155).

O capítulo 20 e, de forma mais específica, os versículos 17-18, cerne dessa pesquisa localizam-se no intitulado “Livro da Paixão”, que segundo Dodd apresenta-se como uma “única narrativa contínua, que inclui a prisão, o processo, a crucificação e a Ressurreição de Jesus Cristo” (1977, p. 387).

Não há consenso na definição do lugar vivencial da história da paixão e são lançadas propostas que não necessariamente se excluem, ao contrário, até se complementam: afirma-se que era um testemunho da salvação através da morte e ressurreição de Cristo. Logo, essa narrativa, certamente, era objeto fundamental da pregação primitiva (WEGNER, 1998, p. 198).

Também se propõe como lugar vivencial a catequese, que era o espaço adequado para transmitir com detalhes a história salvífica de sofrimento e morte redentores de Cristo, e também o culto comunitário onde, provavelmente, as

²⁵ Como chama Konings (1975, p. 21).

celebrações da Ceia do Senhor eram oportunidade para que se conservassem e transmitissem a memória da paixão (WEGNER, 1998, p. 198).

De forma mais verticalizada, focando o olhar no capítulo 20 e, especificamente, na mulher, segunda personagem central desse ensaio, Koester assevera ser muito provável que na história da descoberta do túmulo vazio

o nome de Maria Madalena seja o nome original ligado a essa história e - Pedro e o outro discípulo serem intrusões secundárias -. Ou seja, o fato dela aparecer como a primeira pessoa a quem Jesus ressuscitado se revelou tenha por base uma tradição muito antiga (2005, p. 200).

Também quanto à fonte do capítulo 20.1-18 é de aceitação quase unânime que, “as histórias da paixão e da páscoa de João 18-20 se basearam numa fonte distinta da dos sinóticos” (VIELHAUER, 2005, p. 454). E, no sentido de evidenciar tal assertiva, basta ser feita uma pequena comparação entre a curta referência da aparição de Jesus às mulheres em Mateus 28.9 e a narrativa da aparição a Maria Madalena em João 20.1-18.

3 ANTES E DEPOIS DO ENCONTRO COM JESUS: UM RELATO DA CAMINHADA DAS MULHERES

Nas linhas finais do tópico anterior foi mencionada a narrativa da Paixão situada em João 20.1-18 em que Jesus aparece ressurreto para a mulher Maria Madalena, a qual foi chamada por Dodd de “a mais comovedora de todas as histórias”. De fato, é mais uma das muitas histórias em que Jesus Cristo segue na contramão de uma estrutura patriarcal²⁶ na qual a mulher é amplamente marginalizada (1977, p. 582).

Entretanto, inúmeras outras experiências - nem todas com Jesus - fazem parte da caminhada humana das mulheres e, é precisamente o que esse tópico se propõe a apresentar: não uma sucessão histórica de eventos cronológicos precisamente definidos como se fossem pinturas, imóveis, mas um panorama vivo em que, a cada linha, será possível apreender a verdadeira história das mulheres ao

²⁶ Entende-se patriarcalismo no sentido de um sistema social que mantém a dominação do macho e o privilégio baseado na submissão e na marginalidade da mulher (FIORENZA, 1995, p. 150).

longo de sua existência. Por isso, será utilizado o referencial – Antes e Depois do Encontro com Jesus.

Antes do Encontro com Jesus. No antigo Israel as posições de poder na comunidade pertenciam a algumas classes: aos mais velhos ou homens sábios que agiam como líderes e ministradores de justiça; aos líderes religiosos e aos líderes militares. Posteriormente, quando foi instituída a monarquia, o rei assumiu a posição hierarquicamente superior. E, as mulheres ocupavam que posição em relação a essa estrutura de poder? (BRENNER, 2001, p. 11-12).

Na época do Antigo Testamento, e de forma mais específica na Palestina, mulheres israelitas sempre estavam submetidas a alguém, visto que a estrutura social era patriarcal (MORACHO, 2006, p. 22). Por isso, a filha sendo solteira, estava na dependência do pai, quando casava passava a viver sob a dependência de seu marido, e deveria chamá-lo de *ba'al*²⁷ (amo) e também de *'adôn* (senhor), ou seja, ela deveria tratá-lo com os mesmos títulos que um escravo utilizava com seu amo e um súdito a seu rei (VAUX, 2004, p. 48).

Tudo isso era legitimado por uma interpretação do decálogo²⁸, onde a mulher era contada entre as demais posses dele juntamente com a casa e o campo, o escravo e a escrava, o boi e o asno (VAUX, 2004, p. 62). O homem, como o senhor absoluto, era o único que possuía o direito de dispor de todos os bens de sua família, e isso incluía qualquer ganho por ela auferido com o seu trabalho (MORACHO, 2006, p. 22-23).

Ainda com relação ao patrimônio, Vaux afirma que a esposa não herdava qualquer bem de seu marido e, nem a filha solteira herdava de seu pai, exceto na ausência de um herdeiro masculino²⁹ (2004, p. 62). No caso da viúva, ela e todos os pertences do de cujus passavam a pertencer ao parente masculino mais próximo na linha de sucessão, que em geral era obrigado a tomá-la com esposa (KOESTER, 2005, p. 66).

Mas, a situação da esposa israelita era bem melhor que a das escravas, pois um homem poderia vender suas escravas e, até mesmo as suas filhas³⁰, mas de modo algum poderia vender a sua esposa, nem mesmo se ela tivesse sido adquirida

²⁷ *Ba'al* de uma mulher significa ser seu 'dono', da mesma maneira que ele é *ba'al* de uma casa ou de um campo. Uma mulher casada é 'posse' de um *ba'al* (VAUX, 2004, p. 48).

²⁸ Êxodo 20.17, Deuteronômio 5. 21.

²⁹ Números 27.8.

³⁰ Êxodo 21.7.

como cativa de guerra (VAUX, 2004, p. 62). Mas, em compensação, não havia o menor problema em repudiá-la.

O marido possuía o direito de repudiar sua esposa e, apesar desse direito unilateral, a mulher estava “*protegida*” pelo documento de repúdio, o qual lhe restituía a liberdade (VAUX, 2004, p. 62) [grifo nosso]. Contrariamente, a regra era que a mulher não poderia pedir o divórcio, visto que permanecia sempre como menor de idade (DANIEL-ROPS, 2008, p. 147), salvo em raros casos, a saber, se o marido fosse contaminado por lepra ou exercesse a função de coletor de excremento de cães, fundidor de cobre ou curtidor de peles³¹ (JEREMIAS, 1983, p. 404).

Mas, sob quais acusações o marido poderia repudiá-la? O motivo abrigado por Deuteronômio 24.1 é o homem achar nela qualquer coisa indecente que reprove. Havia a prescrição que a mulher, fora do âmbito do lar, deveria sempre andar com a cabeça coberta. Tal era o rigor dessa ordem, que o marido tinha não apenas o direito, mas também o dever (religioso) de repudiar sua esposa caso ela fosse surpreendida em público sem usar o véu, e estaria desobrigado de pagar a indenização instituída no contrato matrimonial em caso de divórcio (FABRIS, 1986, p. 29).

Ele também poderia romper o matrimônio, sem qualquer compensação econômica, caso a mulher perdesse seu tempo na rua, falando com uns e outros; quando se colocava a porta da sua casa para fiar, e também, segundo o rabi Hillel, quando a esposa deixasse a comida queimar (MORACHO, 2006, p. 27).

Por entenderem Deuteronômio 24.1 como uma expressão muito genérica, na época rabínica, discutia-se vigorosamente sobre a abrangência desse texto e

a escola rigorista de Shammai só admitia como causa do repúdio o adultério e a má conduta, mas a escola de Hillel, cuja interpretação era mais abrangente, contentava-se com qualquer motivo, inclusive fútil, como a mulher ter cozinhado mal um prato ou, simplesmente, que outra mulher agradasse mais o marido (VAUX, 2004, p. 57; 62).

E quanto sua vida no lar? Em regra, a vida das mulheres se passava de forma restritiva em suas casas, e “com frequência as janelas que davam para a rua tinham grades, para que não fossem vistas” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 147). Elas não se

³¹ No caso do homem exercer uma das profissões, a esposa tinha o direito de exigir o divórcio no Tribunal, reivindicando o pagamento da quantia prometida no contrato de casamento para o caso em que a mandassem embora ou em caso de morte de seu marido (JEREMIAS, 1983, p. 404).

alimentavam junto com os homens, pelo contrário, ficavam de pé enquanto eles comiam, servindo-os à mesa (DANIEL-ROPS, 2008, p. 147), pois eles temiam que elas ouvissem as conversas e não fossem discretas (MORACHO, 2006, p. 26).

Quanto aos trabalhos, era sobre os ombros da mulher que pesavam os duros afazeres do lar, próprios de mulher casada, como moer o grão, fazer massa de farinha, lavar, cozinhar, cuidar dos filhos e tecer a lã (FABRIS, 1986, p. 29). Além disso, deveria guardar os rebanhos e trabalhar no campo.

Mas, a situação da mulher mudava quando se tornava mãe, principalmente mãe de filho. Ela passava a ser apreciada, respeitada e reverenciada (VAUX, 2004, p. 62), ou seja, seu valor e dignidade eram valorados com base em sua função maternal, sendo a esterilidade considerada uma maldição (TEPEDINO, 1990, p. 67). Tal era a exultação com o nascimento de meninos que havia entre os judeus o seguinte ditado: “Bem-aventurado aquele cujos filhos são homens. Ai daquele cujos filhos são mulheres” (MORACHO, 2006, p. 24).

Quanto à questão biológica e fisiológica da mulher há algo interessante: a mulher era considerada deficitária com relação a esses dois aspectos, entendendo-se secundária e acidental sua participação no ato gerador³². Tepedino explica:

Embora a união de ambos os sexos fosse imprescindível para a origem da vida, na verdade acreditava-se que só o varão tinha potência sexual e poder criador e que só ele gerava a vida. A mulher está especialmente relacionada com a fertilidade, mas somente passivamente (assim como a terra que recebe a semente). (1990, p. 67).

E como era a vida das mulheres fora do seu lar? Não se pode olvidar que a mulher israelita era excluída tanto da vida social quanto da pública e, uma das demonstrações desse isolamento era, como dito anteriormente, o véu que ela era obrigada a usar quando estava fora de sua casa, o qual cobria totalmente a sua cabeça, a testa e a face. Tudo com o fim de não ser reconhecida em público. Em outras palavras, na esfera pública a mulher perdia completamente a sua identidade (FABRIS, 1986, p. 29).

³² Aristóteles (384-322 a.C), filósofo grego, também acreditava que só o homem era parte criativa e doadora de vida. A mulher era meramente uma nutridora biologicamente passiva. Ele declarava o sexo feminino como inferior, por natureza. Ele considerava a mulher um homem incompleto, defeituoso. Pensamento semelhante possuía Tomas de Aquino ao afirmar que a mulher era um homem incompleto, um ser ocasional. Essas ideias influenciaram grandemente a Idade Média, inclusive os Reformadores. Somente no ano de 1827 a medicina tomou conhecimento da existência do óvulo da mulher (WINTER, 2010, p. 229-230).

Também era totalmente descabido um israelita falar com uma mulher na rua, ainda que fosse sua própria esposa (DANIEL-ROPS, 2008, p. 147-148). Excepcionalmente, a mulher poderia envolver-se em assuntos públicos como no caso de Débora³³ (VAUX, 2004, p. 62).

Pelo fato de a mulher ser considerada menor, irresponsável, o marido poderia recusar qualquer compromisso que ela tivesse assumido (DANIEL-ROPS, 2008, p. 148). Dessa feita, quanto aos votos, nem a moça, nem a mulher casada possuíam tal direito, e se o exercessem não teriam a menor validade, salvo se o pai ou marido consentissem. Por isso, os homens tinham pleno direito de anulá-los, como bem lhes conviesse. Nesses casos a parte prejudicada não tinha qualquer amparo legal (VAUX, 2004, p. 62).

Enfim, o status jurídico da mulher hebreia era o de plena incapacidade, inclusive para depor e testemunhar nos tribunais, nem mesmo como testemunha de acusação, salvo nos casos em que era válido o testemunho de um escravo ou de pagão (FABRIS, 1986, p. 31). Essa proibição amparava-se na interpretação do texto de Gênesis 18.11-15 acreditando que o testemunho delas carecia de valor por causa da sua inclinação à mentira (MORACHO, 2006, p. 25).

A situação da mulher israelita, sob todos os aspectos, era muito inferior, e como amostra dessa conduta marginalizante, Daniel-Rops cita alguns ditados rabínicos que afirmavam

Todo homem devia agradecer diariamente a Deus por **não ter nascido mulher**, nem pagão e nem operário. [...] De que parte do homem tirarei a mulher? Perguntou-se o Todo-poderoso. Da cabeça? Seria muito orgulhosa. Do olho? Muito inquisitiva. Da orelha? Escutaria às escondidas. Da boca? Falaria demais. Da mão? Seria desperdiçada. No final ele tomou uma parte obscura e bem escondida do corpo, na esperança de fazê-la modesta³⁴ (2008, p. 147, 150) [grifo nosso].

Corroborando com o que foi discorrido até agora Brenner enfatiza:

O verdadeiro domínio das mulheres é a família e as ocupações domésticas. A melhor e mais útil maneira de se expressarem e

³³ Juízes 4-5. Personagem feminina do Israel pré-monárquico, enquadra-se na categoria de grande líder. É uma juíza local amada e respeitada, estrategista militar e profetiza (BRENNER, 2001, p. 75).

³⁴ O autor afirma que não é difícil apresentar coleção de comentários contra elas extraídos do Antigo testamento. Os profetas se destacam pela sua misoginia (sentimento de repulsa e/ou aversão às mulheres): Isaías diz que as mulheres são fúteis, voluptuosas e obstinadas. Cruéis diz Amós. Dissimuladas diz Jeremias e Ezequiel (Is 3.16 e 47.1-8; Am 4.1; Jr 3.1 e Ez 16.1) (2008, p. 150).

alcançarem segurança pessoal é ter filhos, e especialmente filhos varões. A mulher está subordinada ao homem porque é considerada irresponsável e necessita de proteção. Essas duas visões prevalentes – de que o papel principal das mulheres dentro da lar e de que estas estariam colocadas sob a tutela masculina – praticamente excluem a possibilidade de uma mulher comum participar de eventos públicos. Mas há exceções (2001, p. 195-196).

E, a autora acrescenta que conforme a comunidade israelita se mostrava mais institucionalizada – principalmente após a instauração da monarquia -, as mulheres eram cada vez mais excluídas da esfera pública, e isso em todos os níveis, até mesmo nos mais inferiores. Tudo isso porque a “estrutura política recusava-se a aceitá-las como participantes iguais nos negócios do governo” (2001, p. 197).

Na época do ministério terreno de Jesus não foi diferente. “Antes das instituições se tornarem mais rígidas e esclerosadas, o que dificultava à mulher praticar os ministérios que antes exercia mais livremente”, qualquer verdadeiro discípulo ou discípula deveria prestar serviços, isto é, exercer ministérios (REILY, 1997, p. 34).

E as mulheres possuíam vida religiosa? Talvez fosse possível responder a esse questionamento com apenas essa afirmativa: o acesso das mulheres ao sagrado se dava somente pela ação dos homens (TEPEDINO, 1990, p. 79). Mas, cabe avançar um pouco mais sobre esse tema.

No mundo hebreu as mulheres estavam praticamente excluídas da vida religiosa, algo que era considerado de suma importância para eles (VELASCO, 1998, p. 13). De que forma acontecia essa segregação? As mulheres eram exoneradas de cumprir as prescrições definidas no estatuto religioso do varão hebreu “porque eram acusadas de se inclinarem facilmente à idolatria” (TEPEDINO, 1990, p. 68). Eis algumas atividades das quais eram excluídas:

Observar as romarias festivas ao templo de Jerusalém, três vezes ao ano; participar dos ritos e cerimônias prescritos, recitar a oração cotidiana do *shema'* que resume a fé hebraica; não são obrigadas a estudar a *Torah*, isto é, a Sagrada Escritura nos seus aspectos normativos e as explicações e aplicações tradicionais dadas pelos mestres. Por isso, as meninas, ao contrário dos meninos, não frequentavam a escola (FABRIS, 1986, p. 30-31).

Como visto, as mulheres foram condenadas à ignorância, pois não recebiam instrução religiosa. Acreditava-se que eram incapazes de compreendê-la. O rabi

Eliezer, contemporâneo de Jesus afirmava: “Quem ensina a *Torá* a sua filha, ensina-lhe a libertinagem (fará mau uso daquilo que aprendeu). É melhor queimar a Lei santa do que entregá-la a uma mulher” (MORACHO, 2006, p. 25).

Arrisca-se afirmar, num nível mais íntimo, que dentre todas as formas de exclusão perpetrada contra elas, a lei da pureza era a que mais as afetava, visto que no período de sua menstruação ficavam impuras por sete dias³⁵, e tudo o que tocassem também era considerado impuro. Mais grave ainda era com relação ao parto, pois ficavam impuras por quarenta dias se fosse filho varão e o dobro se fosse menina³⁶ (TEPEDINO, 1990, p. 68). Nesse sentido Mesters acrescenta (2000, p. 80):

[...] a tendência oficial era de excluir a mulher de toda a atividade pública e de considerá-la inapta para qualquer função na sociedade, a não ser para a função de esposa e mãe. O que mais contribuiu para a sua marginalização foi a lei da pureza. A mulher era declarada impura por ser mãe, por ser esposa, por ser filha, por ser mulher. Por ser mãe: dando à luz, ela se torna impura. Por ser filha: o filho que nasce traz 40 dias de impureza; mas a filha, 80 dias! (cf. Levítico 12) Por ser esposa: a relação sexual a torna impura durante um dia (Levítico 15,18). A mulher menstruada ficava sete dias impura. E quem a tocasse também se tornava impuro por contágio (Levítico 15,19-23). E não havia meio para uma mulher manter sua impureza em segredo, pois a lei obrigava as outras pessoas a denunciá-la. Esta legislação tornava insuportável a convivência diária em casa. Durante sete dias em cada mês, a mãe de família não podia deitar na cama, nem sentar-se numa cadeira, nem tocar nos filhos ou no marido, se não quisesse contaminá-los!

Como consequência, nesses períodos considerados impuros, quanto aos átrios do Templo de Jerusalém, elas eram obrigadas a manter certa distância dos varões

sendo-lhes permitido apenas adentrar nos átrios reservados para elas, ou no dos pagãos, mais afastado. E, durante o período de sua impureza ritual – menstruação e logo depois do parto – eram excluídas até do átrio externo dos pagãos (FABRIS, 1986, p. 31).

Todas essas restrições religiosas impostas às hebreias impediam quase que completamente a sua participação na vida litúrgica e cultural (FABRIS, 1986, p. 31).

Como visto, sobre elas eram impostas incontáveis proibições no âmbito religioso, e muitos rigores na esfera legal (civil e penal, inclusive, pena de morte³⁷),

³⁵ Levítico 15.19-24.

³⁶ Levítico 12.2-8.

³⁷ O apedrejamento era um castigo tipicamente hebraico, antiquíssimo e continuamente citado na Bíblia (DANIEL-ROPS, 2008, p. 203). Moisés determinou a morte por apedrejamento para quem

as quais refletiam em todas as esferas de suas vidas e que, indubitavelmente, as lançavam à margem da sociedade.

Ainda, no tocante a inferioridade das mulheres israelitas, essa realidade pode ser evidenciada se comparada à vida de algumas mulheres dos países vizinhos, como por exemplo, com relação à mulher Babilônica, que podia adquirir posses, agir judicialmente, ser parte contratante, e até ter certa parte na herança de seu marido (VAUX, 2004, p. 63).

Com relação às Egípcias, apesar de se detectar algumas variantes em determinadas épocas, na maior parte do tempo, a mulher possuía todos os direitos de um chefe de família (VAUX, 2004, p. 63). Sob esse assunto Tepedino preleciona:

As filhas tinham os mesmos direitos à herança que os filhos; a mulher era igual aos maridos em direitos, possuindo inteira independência e personalidade legal. Pode-se dizer como conclusão que a situação das mulheres no Antigo Egito era de igualdade com os homens nas épocas do individualismo. Os especialistas consideram que em nenhum lugar na antiguidade foi dada à mulher tanta independência como no Egito (1990, p. 58-59).

O Império Romano era o mundo em que viviam as primeiras comunidades judaico-cristãs e, por conseguinte, o local onde formulavam as suas experiências de fé, narradas no segundo testamento, o qual possuía um sistema de dominação patriarcal, que se estendia em vários âmbitos da vida (REIMER, 2006, p. 72).

Quanto a essa dominação, Reimer enfatiza que esse sistema não era algo privativo da sociedade e da religião judaica. Era, sim, um modelo vigente em várias sociedades do Mar Mediterrâneo. Por isso a autora entende que

O cristianismo deve ser entendido como um movimento de renovação intrajudaico que participa das estruturas patriarcais do judaísmo e que luta, como os demais movimentos, pela vida e pela identidade dentro das condições do patriarcado romano (2006, p. 75).

Na sociedade romana do século I d.C. algumas mulheres tiveram a possibilidade de estudar e certo número delas se tornaram participantes e exerceram influência na vida pública (TEPEDINO, 1990, p. 64). Sobre essa realidade, Nüsse concorda que existia maior liberdade para as mulheres na estrutura

adorasse outros deuses (Deuteronomio 13.10). Mas, não era aplicado apenas nos casos de prostituição espiritual, mas também com relação à imoralidade física (HARRIS, 1998, p. 1059). No Novo testamento João 8.1-11 narra esse tipo de castigo (DANIEL-ROPS, 2008, p. 204).

greco-romana, como por exemplo, casamentos em que a esposa ficava economicamente independente do marido (2006, p. 35).

Quanto a esse assunto Tepedino conclui:

[...] poderíamos dizer que a mulher romana, de modo geral, conseguiu um grau maior de liberdade e emancipação tendo participado de certa maneira da vida intelectual, social e religiosa da sua época. Este impulso renovador foi consequência da expansão cultural no período helenístico³⁸, onde, graças à nova sensibilidade, a mulher também encontrou mais espaço e pode participar em vários setores, sobretudo o intelectual, o esportivo e o artístico (1990, p. 66).

Mas é tão somente quando se confronta toda a situação vivenciada pelas mulheres com os relatos do encontro de Jesus com elas é que se torna possível “reconhecer seu caráter subversivo” (TEPEDINO, 1990, p. 84). É justamente sobre esse Encontro que se passa a expor.

Depois do Encontro com Jesus. Diferentemente do panorama apresentado acima, em Jesus jamais se encontrou qualquer vestígio de desprezo ou de ojeriza em relação à mulher (PALLARES, 1995, p. 70). Pelo contrário, verdadeiras transformações foram experimentadas quando o relacionamento igualitário de Jesus com as mulheres foi manifesto na terra, visto que Ele “devolveu a cada uma delas a verdadeira dignidade como filhas amadas de Deus, portadoras de potencialidades para serem discípulas” e mensageiras do Mestre (TEPEDINO, 1990, p. 84).

Antes de tudo, entende-se imperioso responder ao seguinte questionamento: quem era/é Jesus? Certamente muitas são as possibilidades de resposta, mas em termos bem simples, pode-se afirmar que Jesus, contrariamente a todos os religiosos, era/é Aquele que por amor, acredita que os valores humanos devem ser colocados em primeiro plano, mesmo acima das instituições mais veneráveis e preciosas (REILY, 1997, p. 29). O autor prossegue

Jesus repudiou, conscientemente, a segregação do templo, o racismo e a discriminação de sexo do judaísmo de seu tempo pelos seus próprios atos e atitudes. Rejeitou o legalismo dos fariseus e optou pela proclamação do Reino divino de justiça e solidariedade. Jesus rompeu com as expressões institucionalizadas da religião dos

³⁸ Koester apregoa que o termo helenismo refere-se ao período que iniciou com Alexandre Magno e terminou com a conquista do Oriente pelos romanos, e que o fenômeno mais característico desse período é a intensificação do processo de ‘helenização’ concernente a expansão da língua, educação e cultura gregas. E o cristianismo, que começou nos momentos iniciais do período imperial romano, entrou no mundo romano como uma religião helenística, especificamente como herdeira de uma religião judaica já helenizada (2005, p. 44).

seus dias, superou as limitações dessa e redefiniu seus propósitos, segundo a intenção daquele que criou o homem e a mulher à sua imagem³⁹ (REILY, 1997, p. 29).

Jesus foi um homem que não compartilhou do preconceito do seu tempo com relação às mulheres. Por isso, convivia com elas e, como decorrência, as conhecia profundamente (fossem pecadoras ou não). Entendia suas dores e sofrimentos. Sabia falar com elas, mas principalmente, ouvi-las. Ensinou “o novo” como resposta às suas profundas expectativas (TEPEDINO, 1990, p. 82).

E o que era o movimento de Jesus? Tepedino responde dizendo que “os modernos estudos sobre o movimento de Jesus colocam-no como um movimento de renovação dentro do Judaísmo” como algo verdadeiramente revolucionário, e acrescenta:

Era um movimento carismático itinerante onde homens e mulheres eram admitidos, em igualdade de condições. No seu relacionamento com as pessoas, não faz acepção. A todos (as) acolhe e com todos (as) se relaciona da mesma forma (1990, p. 82).

Sabendo quem Ele é e o que representa o seu movimento, segue-se aos Encontros. O primeiro de muitos deles já pode ser visto no prólogo de sua vida no evangelho de Mateus (cap. 1). Ali, em sua genealogia, como um simbolismo do que viria concretizar na terra, Jesus realiza uma ruptura patriarcal desde as mais remotas origens. Reimer descreve esse Encontro primevo:

Corre nas veias e no coração de Jesus, o Filho de Davi, a ousadia transgressora da cananeia Tamar [...] Os pés e mãos de Jesus estão marcados pela memória da prostituta tecelã e hospedeira Raabe, igualmente de origem cananeia que atua como protagonista na história da salvação através da solidariedade, na contramão da história patriarcal [...] Nos olhos e na percepção de Jesus encontram-se a sabedoria e talvez as dores, solidão, solidariedade e perspicácia da moabita Rute e da sua sogra Noemi (2013, p. 30-32).

Encontros de cura. Nesses encontros Jesus retirava as mulheres do “estado de morte”, pois as doenças impediam a sua participação em sociedade. Ele sarou as enfermidades dos seus corpos, e elas se levantavam dispostas para a vida como fez a sogra de Pedro⁴⁰ (TEPEDINO, 1990, p. 82-83).

³⁹ Gênesis 1.27.

⁴⁰ Lucas 4.38-39.

Em outros Encontros de cura, Jesus não se furtou em desafiar certas proibições legais como da “impureza legal”, permitindo ser tocado pela mulher que há doze anos sofria de hemorragia⁴¹ e, tocando o cadáver da filha de Jairo⁴². Rompeu com a intocável lei do sábado⁴³, em que Jesus não apenas ergueu o corpo da mulher encurvada há 18 anos, mas, sobretudo, restituiu àquela mulher a oportunidade de louvar e dar graças a Deus de pé⁴⁴ (TEPEDINO, 1990, p. 82-83).

Diante de todas as situações o que ficava evidente era a força libertadora de Jesus frente às reais necessidades delas, colocando-as acima de qualquer regra humana pré-estabelecida. Entretanto, esses feitos libertadores de Jesus não foram benquistos por todos. Os seus adversários se escandalizavam e reagiam condenando com veemência as suas atitudes, como curar no sábado, por exemplo. Mas, para Jesus, nada, nem sequer a lei mais santa, poderia afastá-lo de seu intento de acabar com a sujeição a que estavam submetidas àquelas mulheres (PALLARES, 1995, p. 32).

Encontros a sós, permeados de diálogo e ensino. Havia um ditado rabínico que instruía aos homens para que não falassem muito com uma mulher (na rua), ainda que fosse a sua própria esposa. Totalmente distinta era a práxis de Jesus ao “deixar de lados os preconceitos que proibiam falar com uma mulher nas ruas da cidade e manter com elas encontros frequentes” (LADISLAO, 1995, p. 27).

E, outra vez, Jesus se afastou da tradição que isola as mulheres e interage com elas rompendo todas as barreiras, como se observa em seu Encontro com a Samaritana⁴⁵. Contudo, sua conduta, novamente, é sentida como uma escandalosa ruptura para muitos, inclusive pelos discípulos que ficaram totalmente admirados com o que viram⁴⁶ (JEREMIAS, 2008, p. 330-331).

Falar a sós com elas já era algo tido por absurdo. Mas, hospedar-se em suas casas era muito pior. E foi justamente o que Jesus fez quando foi para a Casa de Marta e Maria⁴⁷. Ele não se preocupou com essas regras excludentes, pois não as via como inferiores e, tão pouco, admitia o preconceito de que não convinha ensinar-

⁴¹ Marcos 5.24b-34, Lucas 8. 43-48.

⁴² Marcos 5.21-24; Marcos 5. 36-43.

⁴³ No sábado nenhum judeu trabalhava. Ao que violasse esta lei estava decretada a pena de morte (Êxodo 31.13-17) (PALLARES, 1995, p. 27).

⁴⁴ Lucas 13.10-17.

⁴⁵ João 4.1-30.

⁴⁶ João 4.27.

⁴⁷ Lucas 10.38-42.

lhes as Sagradas Escrituras. Nesse Encontro, Jesus ensina a uma mulher, em sua própria casa, e sem a presença de homem algum (PALLARES, 1995, p. 73). Nesse Encontro, certamente, Jesus instaurou a oportunidade de um espaço para as mulheres na vida religiosa (LADISLAO, 1995, p. 28).

O que se pode depreender nesses e, em tantos outros Encontros de Jesus com as mulheres, é que as atitudes Dele, são na verdade a consequência lógica de sua visão do Pai celestial, que é a de reinar em benefício de todos os seus filhos e filhas (PALLARES, 1995, p. 71).

4 INTERPRETAÇÃO DE JOÃO 20 À LUZ DO ENCONTRO DE JESUS CRISTO COM MARIA MADALENA

No tópico anterior foi apresentada uma breve narrativa da caminhada humana das mulheres visando comparar como eram suas vidas antes de se encontrarem com Jesus, evidenciando verdadeiras transformações após o convívio com Ele. Apesar de esses encontros terem sido fundamentais na vida dessas mulheres, nesta última seção há um imprescindível retorno “a mais comovedora de todas as histórias de Cristo ressuscitado” (DODD, 1977, p. 582), qual seja, o Encontro de Jesus Cristo, ressurreto, com Maria Madalena narrado em João 20.

Segue-se a narrativa de João 20.1-18. No primeiro dia da semana, bem cedo, quando ainda estava escuro, Maria Madalena foi até ao túmulo e viu que a pedra que cobria a entrada tinha sido retirada. Então, foi correndo até o lugar onde estavam Simão Pedro e outro discípulo, aquele a quem Jesus amava, e disse a eles: “Tiraram o Senhor Jesus do túmulo e não sabemos onde o puseram!”. Então, Pedro e o outro discípulo foram até o túmulo. Os dois saíram correndo juntos, mas o outro correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro. Quando chegou lá, se abaixou para olhar dentro do túmulo, e viu os lençóis de linho, porém não entrou no túmulo. Mas, Pedro, que chegou logo depois, entrou, e também viu tanto os lençóis colocados ali quanto a faixa que tinham posto em volta da cabeça de Jesus. A faixa não estava junto aos lençóis, mas, sim, enrolada ao lado. O outro discípulo, que havia chegado primeiro, também entrou no túmulo. Ele viu e creu. Eles dois ainda não tinham entendido as Escrituras Sagradas que afirmava que era preciso que Jesus ressuscitasse. Os dois voltaram para casa, mas Maria Madalena manteve-se na entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava se abaixou, olhou para dentro e

viu dois anjos vestidos de branco sentados no local onde tinha sido colocado o corpo de Jesus. Um estava na cabeceira e o outro aos pés. Os anjos perguntaram para ela: - “Mulher, por que você está chorando?”. Ela respondeu dizendo que alguém havia levado o seu Senhor e não sabia onde o tinham colocado. Depois disso, Maria olhou para trás e viu Jesus, ali de pé, mas não o reconheceu. Então, Jesus perguntou: - “Mulher, por que você está chorando? Quem você está procurando?”. Maria pensou que ele era o jardineiro, e por isso respondeu: “Se o senhor o tirou daqui diga para mim onde o colocou e eu irei buscá-lo”. “Maria!” Jesus disse. Ela se virou e respondeu em hebraico: “*Raboni!*” (essa palavra quer dizer mestre). Não me segure, pois ainda não subi para o meu pai. Vá se encontrar com os meus irmãos e diga a eles que eu vou subir para Aquele que é o meu Pai e o Pai deles, o meu Deus e Deus deles. Então, Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: “Eu vi o Senhor”! E contou a eles tudo o que Jesus lhe tinha dito.

Exegese de João 20.10-18. Antes de adentrar na tarefa da interpretação, se faz necessário “ler o significado do texto” (ZUCK, 1994, p. 73) e a isso se chama exegese⁴⁸. Para tanto, seguindo a linha dos Reformadores⁴⁹, o método adotado será o histórico-gramatical⁵⁰ em que se analisam tanto as circunstâncias em que o autor escreveu o evangelho de João, como já foi visto no primeiro tópico desta obra, quanto o uso gramatical das palavras-chave do trecho de João 20.10-18⁵¹ abaixo transcrito:

¹⁰ ἀπῆλθον οὖν πάλιν πρὸς αὐτοὺς οἱ μαθηταί.¹¹ Μαρία δὲ εἰστήκει πρὸς τῷ μνημείῳ ἕξω κλαίουσα. ὡς οὖν ἔκλαιεν, παρέκλυψεν εἰς τὸ μνημεῖον ¹²καὶ θεωρεῖ δύο ἀγγέλους ἐν λευκοῖς καθεζομένους, ἓνα πρὸς τῇ κεφαλῇ καὶ ἓνα

⁴⁸ Exegese é a aplicação dos princípios da hermenêutica para que se possa compreender o significado que o autor pretendia dar ao texto (VIRKLER, 2007, p. 32).

⁴⁹ Os Reformadores foram homens que rompendo com os princípios hermenêuticos e com as práticas exegéticas que predominavam na era medieval - o uso do método alegórico e o desprezo com relação ao sentido gramatical normal dos termos - impulsionaram uma reforma eclesiástica e teológica no século XVI que resultou numa reforma hermenêutico-exegética (ANGLADA, 2006, p. 71-72).

⁵⁰ Também chamado gramático-histórico. Zuck afirma que um fato característico da Reforma foi o retorno à interpretação histórica e gramatical das Escrituras (1994, p. 113) e, como consequência, adotaram o referido método em razão da preocupação que tinham em chegar ao sentido – óbvio, claro e simples - desejado pelo autor em cada passagem das Escrituras e, não o sentido que cada leitor livremente atribuísse. Também apregoavam que cada texto tem apenas um sentido, o literal, salvo se o próprio contexto ou outro texto das Escrituras admitissem claramente uma interpretação figurada ou metafórica. Tudo isto era obtido por meio da observação cuidadosa da gramática e do contexto (LOPES, 2007, p. 161). Esse tipo de análise indica que o intérprete deve prestar atenção tanto à linguagem em que o texto original foi escrito quanto ao contexto cultural específico que deu origem ao texto (KAISER, 2009, p. 19).

⁵¹ Todas as palavras em grego utilizadas no presente artigo e, de forma específica, sua classificação gramatical tem por fonte comum a bíblia eletrônica *BibleWorks* versão 6.0 - *BGT Greek LXX/BNT*.

πρὸς τοὺς ποσὶν, ὅπου ἔκειτο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ.¹³ καὶ λέγουσιν αὐτῇ ἐκεῖνοι· **γύναι, τί κλαίεις;** λέγει αὐτοῖς ὅτι ἦραν τὸν κύριόν μου, καὶ οὐκ οἶδα ποῦ ἔθηκαν αὐτόν.¹⁴ ταῦτα εἰποῦσα ἐστράφη εἰς τὰ ὀπίσω καὶ θεωρεῖ τὸν Ἰησοῦν ἐστῶτα καὶ οὐκ ᾔδει ὅτι Ἰησοῦς ἐστίν.¹⁵ λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς· **γύναι, τί κλαίεις;** τίνα ζητεῖς; ἐκεῖνη δοκοῦσα ὅτι ὁ κηπουρός ἐστίν λέγει αὐτῷ· κύριε, εἰ σὺ ἐβάστασας αὐτόν, εἰπέ μοι ποῦ ἔθηκαν αὐτόν, καὶ γὰρ αὐτόν ἀρῶ.¹⁶ λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς· **Μαριάμ,** στραφεῖσα ἐκεῖνη λέγει αὐτῷ Ἑβραϊστί· **ραββουνι** (ὃ λέγεται **διδάσκαλε**).¹⁷ λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς· μή μου ἄπτου, οὐπω γὰρ ἀναβέβηκα πρὸς τὸν πατέρα· **πορεύου** δὲ πρὸς τοὺς ἀδελφούς μου καὶ εἰπέ αὐτοῖς· ἀναβαίνω πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ πατέρα ὑμῶν καὶ θεόν μου καὶ θεὸν ὑμῶν.¹⁸ **ἔρχεται** Μαριάμ ἡ Μαγδαληνὴ **ἀγγέλουσα** τοῖς μαθηταῖς ὅτι ἐώρακα τὸν κύριον, καὶ ταῦτα εἶπεν αὐτῇ. [grifo nosso].

O termo *μαθηταί*⁵² refere-se aos dois discípulos que retornaram para casa após terem ido ao túmulo de Jesus. Esta palavra significa, literalmente, aprendiz (VINE, 2012, p. 569) e, Coenen ensina que um “homem” é chamado *μαθητής*⁵³ quando se vincula a outra pessoa a fim de adquirir seu conhecimento prático e teórico. Mas, não simplesmente isto. Este termo é empregado para indicar total devoção a alguém, no discipulado (2000, p. 583, V.I).

Uma das características mais marcantes do evangelho de João é quanto a reflexão sobre o discipulado e, em geral, *μαθητής*⁵⁴ é um termo frequentemente usado para designar cristãos, ou seja, “aqueles que saíram da esfera das trevas para a esfera da luz”⁵⁵ (COENEN, 2000, p. 587, V. I). Não só isso. O discípulo que segue Jesus tem como missão anunciar e fazer sinais da Boa-Nova assim como fez Jesus (TEPEDINO, 1990, p. 23).

Contrariamente aos dois discípulos, Maria permaneceu perto do sepulcro, *κλαίουσα*⁵⁶, termo que se origina do verbo *κλαιω* que significa chorar, lamentar (GINGRICH, 2007, p. 117). Dois termos derivados e com o mesmo significado aparecem outras três vezes no texto: *ἔκλαιεν*⁵⁷ e *κλαίεις*⁵⁸. Ambos se referem a uma ação contínua, durativa ou linear do passado (REGA, 2004, p.36). O que se pode entender é que a linguagem utilizada pelo autor almeja demonstrar toda a dor que

⁵² Substantivo comum masculino plural que significa discípulos e o termo se refere especificamente a Pedro e ao outro discípulo, a quem Jesus amava.

⁵³ Tepedino ensina que é no Novo testamento que o substantivo discípulo encontra seu centro de gravidade. O termo aparece 264 vezes e significa ‘homens’ que rodeavam Jesus como mestre.

⁵⁴ Substantivo comum masculino. Significa pupilo, aluno, discípulo (GINGRICH, 2007, p. 129).

⁵⁵ João 3.21.

⁵⁶ Significa chorando, lamentando - Verbo participio presente feminino singular.

⁵⁷ Verbo indicativo imperfeito. Soares diz que o imperfeito é na verdade do passado do presente (2011, p. 122), isto é, a ação do imperfeito é semelhante ao presente expressando uma ação contínua, uma ação em andamento, só que, nesse caso, localizada no passado (REGA, 2004, p. 129).

⁵⁸ Verbo indicativo presente ativo.

Maria estava sentindo pela perda do seu Mestre e amigo, desde o alvorecer, princípio de sua permanência junto ao túmulo de Jesus, até o momento do seu encontro com Cristo ressurreto.

Maria, antes de ser identificada pelo seu nome, foi por duas vezes chamada de *γύναι*⁵⁹, vocativo oriundo do substantivo *γυνή* que refere-se a qualquer mulher adulta, criatura fêmea. Na intenção de interpelar Maria, tanto os anjos quanto Jesus utilizaram esse termo como forma de trato (COENEN, 2000, p. 1337, V. I). Vine afirma que o vocativo utilizado por eles com a intenção de perguntar o motivo de Maria estar chorando, não tinha a finalidade de reprovação ou severidade, mas de estima ou respeito (2012, p. 807), sendo a maneira usual de expressar-se na Palestina dos tempos de Jesus (GINGRICH, 2007, p. 49).

Quando Maria, finalmente, discerne que Aquele que falava com ela não era o jardineiro, mas o próprio Cristo, ela volta-se em Sua direção, reconhecendo-O, e o chama de *ραββουνι*, título também conhecido pela variante *ραββουνεί*, que se utilizava para o presidente do Sinédrio, caso fosse descendente de Hillel, e que significava “meu grande mestre” (VINE, 2012, p. 921). Vine também aduz que esse título é Galileu, logo, não seria de se estranhar que fosse pronunciado por uma mulher oriunda de Magdala (2012, p. 787).

Esse título era bem mais respeitoso que rabi (*ραββεί*) e, de forma específica no versículo 16 do texto em apreço, é interpretado por *διδάσκαλε* que significa mestre (VINE, 2012, p. 921), contrapondo-se ao termo *μαθητής* já aludido anteriormente.

No final da perícope⁶⁰ o autor se utiliza de dois verbos no modo imperativo⁶¹: *πορεύου* e *ἔρχεται*, que têm por definição comum deslocar-se para um lugar, mover-se, prosseguir. O primeiro verbo refere-se a um comando de Jesus para que Maria vá ao encontro dos discípulos que, neste momento, não mais são chamados de *μαθητής*, mas sim de *ἀδελφούς*⁶², que quer dizer irmãos.

⁵⁹ Vocativo feminino singular. Vocativo é uma interjeição, um apelo, um chamamento, o mesmo vocativo na língua portuguesa (SOARES, 2011, p. 86).

⁶⁰ Wegner afirma ser a perícope um trecho que quando delimitado tenha “pé e cabeça”, isto é, forme um todo coeso, de forma que seu início e fim sejam perfeitamente identificáveis (2009, p. 85).

⁶¹ O imperativo é o modo da vontade que expressa o mandato, a exortação ou a súplica (REGA, 2004, p. 267-268).

⁶² Substantivo masculino plural.

Já o segundo verbo - *ἔρχεται* – tem estreita relação com a concretização do comando dado por Jesus à Maria Madalena, que vai *ἀγγέλλουσα*⁶³ aos discípulos todas as coisas que o Senhor ressurreto havia lhe dito. Esta palavra tem por raiz o vocábulo substantivo *ἀγγέλλω* que por definição significa “ser celestial, um mensageiro; alguém que é enviado, a fim de anunciar, ensinar ou executar; aquele que traz novidades, aquele que é enviado para anunciar ou proclamar” (BÍBLIA DE ESTUDO, 2011, p. 2029).

Ainda quanto à concretização do anúncio aos discípulos por Maria Madalena outros termos gregos podem ser utilizados: *ἀπήγγειλεν*⁶⁴ e *ἀπαγγείλατε*⁶⁵ que são derivados do verbo *ἀπαγγέλλω* que têm por significado “anunciar, trazer notícias, relatar o que aconteceu, trazer de volta notícias de alguém” (BÍBLIA DE ESTUDO, 2011, p. 2075).

Cabe evidenciar que essa palavra - *ἀπαγγέλλω* - tem em sua composição outras duas: *ἀπα* que vem de uma partícula primária *ἀπο* que significa para longe, afastado, e quando essa partícula localiza-se como prefixo, como é o caso em apreço, tem por significado separação, partida. Outra palavra é *γγέλλω* que compõe o vocábulo grego *ἀγγέλλω*, citado acima (BÍBLIA DE ESTUDO, 2011, p. 2081). Enfim, esse vocábulo - *ἀπαγγέλλω* - fornece a ideia de alguém que parte em direção a algum lugar para anunciar uma mensagem a outrem.

Isso nos remete a outro vocábulo grego *ἀποστελλω*, composto de duas palavras: *στελλω* (colocar, aprontar) e *απο* significando enviar, despachar, pessoa enviada com uma mensagem, um mensageiro (ROBINSON, 2012, p. 107), o qual nos direciona para *ἀποστολος* alguém que é enviado, “um emissário que tem plenos poderes e é o representante pessoal de quem o enviou” (COENEN, p. 154, V.I).

⁶³ Significa anunciando, proclamando - Verbo participio presente ativo feminino singular. Robinson ensina que da mesma maneira que nos verbos, também no participio o tempo gramatical descreve a espécie de ação. Em específico, no caso do verbo *ἀγγέλλουσα* que é um participio presente expressa uma ação contínua, linear (2012, p. 200).

⁶⁴ Marcos 16.10. Verbo aoristo ativo 3ª pessoa singular. Rega ensina que o nome ‘aoristo’ significa não delimitado, indefinido. Logo, o aoristo, basicamente, descreve a ação expressa pelo verbo, ele contempla a ação, o evento ou estado em si, como um todo. Em função de que o aoristo se refere à ação em si, sem especificar a sua duração é considerado um tempo indefinido (2004, p. 137).

⁶⁵ Mateus 28.10. Verbo aoristo ativo 2ª pessoa plural.

Quem é a protagonista nesse Encontro com Jesus Cristo? No primeiro versículo do capítulo 20 o texto aclara quem é essa mulher que vai ao túmulo no primeiro dia da semana: *Μαρία ἡ Μαγδαληνή*⁶⁶.

Mas, o que se sabe sobre Maria de Madalena⁶⁷ antes de sua convivência com Jesus em seus anos de ministério na terra? Não são muitas as informações trazidas pelos evangelhos, contudo, pode-se dizer que o próprio nome Maria Madalena anuncia o retrato de sua procedência, que diferente de todas as outras Marias⁶⁸ do Novo testamento, não é reconhecida pelo sobrenome familiar, mas pelo seu lugar de origem (BOER, 1999, p. 34; 43). Assim, quanto às suas raízes, Moura apregoa que as pesquisas arqueológicas afirmam que a localização mais provável da sua cidade natal – cidade de Magdala⁶⁹ - sejam as vizinhanças de Tiberíades, perto do mar da Galiléia (2013, p. 15).

Boer informa que a localização dessa cidade estava bem posicionada entre as rotas de comércio e, que por isso, a prática mercantil deveria ser muito ativa na época: localizava-se “em direção ao Egito (Via Maris), na direção da Síria e em direção ao mar Mediterrâneo. Também havia rotas em direção à Judeia e para o norte” (1999, p. 38). Por fim, Moura delinea a referida cidade, berço de Maria dizendo:

Magdala, que significa fortaleza, era uma cidade próspera, rota internacional que concorria para que tivesse grande comércio e uma diversidade de pessoas e conseqüentemente de religiões. Gozava de situação privilegiada, à margem oeste do Mar da Galiléia, fortificada por pedras em ambos os lados, sua estrada ao longo do mar podia ser facilmente fechada pelos habitantes que se revoltavam com o jugo romano, e sabemos que, em 53 a. C, uma revolta dos galileus foi sufocada pelos romanos em Magdala. **Pode-se concluir que era uma cidade bastante sofrida pelo jugo e crueldade de Roma, herança e vivência de Maria de Magdala, que a marcaram com traços indelévels** (2013, p. 16) [grifo nosso]

Existem outras particularidades que precisam ser esclarecidas sobre a vida desta mulher. Inicialmente, as comunidades cristãs primitivas, possuíam a seguinte imagem de Maria Madalena: mulher honrada por ter sido escolhida para

⁶⁶ Maria de Magdala - Substantivo próprio nominativo feminino singular.

⁶⁷ Boer afirma que a maioria dos Evangelhos nunca citam Maria Madalena, nome ao qual estamos acostumados, e sim, Maria de Madalena (1999, p. 34).

⁶⁸ Maria, mãe de Jesus; Maria, mãe de Tiago; Maria de José; Maria de Tiago; Maria irmã de Marta e Lázaro; Maria de Cléofas (BOER, 1999, 43).

⁶⁹ Boer afirma que apesar de aparecer com outros nomes tanto em Marcos 8.10 (Dalmanuta) quanto em Mateus 8.39 (Magadã), as cidades parecem referir-se à mesma cidade de Magdala (1999, p. 34).

testemunhar aos apóstolos a Ressurreição. Contudo, há alguns séculos ela tem sido intitulada como a pecadora. Tem sido confundida e o seu nome fundido com o de outras mulheres. E pior. Ela tem recebido uma fama indevida por meio do tão conhecido jargão “Madalena arrependida” (MORO, 2005, p. 58).

O que pode ter gerado tão grande mudança? Uma possível resposta é que Gregório I⁷⁰ visando combater o pecado, ao proferir um sermão para o povo de Roma, utilizou o exemplo de Maria Madalena como a prostituta que se arrependeu, e só por isso foi curada, passando o resto da vida em penitência⁷¹ (MORO, 2005, p. 59).

Quanto ao fato de Maria Madalena ser confundida com outras mulheres, o primeiro mal-entendido se refere à pecadora anônima mencionada no livro de Lucas 7.36-50. Sobre a referida pecadora afirmam que o seu pecado era a prostituição. Mas, cabe perguntar: será que com base em uma única expressão no texto – pecadora - é plausível subentender que aquela mulher fosse prostituta ou meretriz? Este termo que classifica essa mulher sem nome está, necessariamente, associado à falta de natureza sexual? (WINTER, 2010, p. 165-166). Se a resposta for negativa, então o que “criou essa série de preconceitos contra Maria Madalena?” (MESTERS, 2000, p. 113).

O autor em busca de esclarecimento certifica que pelo fato de nenhum texto do evangelho afirmar expressamente que Maria Madalena fosse uma pecadora no sentido sexual, o mais provável é que tenham interpretado mal a expressão de Lucas que afirma que do corpo dela teriam saído sete demônios⁷². Quanto a esse aspecto, Mesters ensina que no “evangelho de Lucas possessão não significa pecado, em sim, doença” (2000, p.133), “ausência de liberdade, sem acentuar os

⁷⁰ Cairns afirma que a igreja medieval inicia com Gregório (540-604), que com frequência era chamado ‘o Grande’ e foi um dos mais nobres líderes da Igreja Romana. Missionário zeloso foi um instrumento na conquista dos ingleses para o cristianismo (2008, p. 144-145).

⁷¹ Moro afirma que foi nesse sermão que Gregório pontificou que Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora citada por Lucas eram a mesma mulher. Isso fez com que Madalena perdesse sua posição de Apóstola dos Apóstolos e se tornasse o exemplo da perdição do mundo (2005, p. 60). Com relação à Madalena ser associada a pecadora, Sebastiani preleciona que o protestantismo acentuou o caráter de ex-pecadora devido às intensas reflexões na época da Reforma quanto aos temas: pecado e justificação. Contudo, ao findar o século XIX a superação desse equívoco e, a consequente identificação de quem era Maria Madalena, já era um dado adquirido pelos teólogos. Contudo, esse dado ficou restrito a eles, não penetrando ao nível da mentalidade religiosa. Prova disso é que se fosse perguntado ‘quem é Maria Madalena?’, a resposta seria ‘uma prostituta arrependida’ e, raramente responderiam que ela foi a ‘primeira testemunha de Jesus ressuscitado’ (1995, p. 11;13).

⁷² Marcos 16.9 e Lucas 8.2.

aspectos morais” (SEBASTIANI, 1995, p. 22). Destarte, o que se pode interpretar é que Maria Madalena “padeceu de uma grave doença nervosa ou psicossomática” (MESTERS, 2000, p.133), “da qual não se conheciam nem as causas nem as curas” (TEPEDINO,1990, p. 46).

No sentido em que Madalena há séculos tem sido confundida com a pecadora anônima, Winter conclui protestando: “foi fácil acrescentar ao seu nome o apelido arrependida. Prova cabal de que, na mentalidade popular, seu nome tornou-se, sem qualquer base bíblica, sinônimo de pecadora arrependida” (2010, p. 165).

Bruce relembra outra má compreensão quando a tradição confunde Maria Madalena com Maria de Betânia⁷³, aquela que também foi identificada como a outra mulher que ungiu os pés de Jesus, cuja dedicação ao Senhor igualmente recebe destaque. Mas, “a narrativa de João exclui qualquer identificação entre as duas” (1987, p. 327).

Apesar de ser um dos nomes mais conhecidos, não são muitas as informações trazidas pelos evangelhos sobre Maria de Magdala. Entretanto, é preciso admitir que esta mulher teve proeminência nas origens do Cristianismo, pois é fato inegável que quando são citados no texto bíblico os nomes das mulheres que seguiam Jesus, o nome dela sempre é mencionado em primeiro lugar⁷⁴, excetuando apenas João 19.25, e em quantidade expressiva, visto que seu nome “é repetido catorze vezes nos evangelhos canônicos⁷⁵” (LOPES, 1996, p. 36).

A despeito das escassas informações, Winter registra que mesmo o Novo Testamento sendo “parcimonioso ao descrevê-la, diz o suficiente, ao mostrá-la seguindo Jesus no seu ministério terreno, presente no momento da crucificação, no sepulcro, na ressurreição e, em seguida, cumprindo o desígnio do Mestre e proclamando a ressurreição” (2010, p. 172).

Enfim, o que precisa ficar claro é que não há no segundo Testamento qualquer referência que a rotule como a pecadora e, tão pouco, como prostituta, e o que se

⁷³ Irmã de Marta e Lázaro, ressuscitado por Jesus – Narrativas encontradas em Mateus 26.6-13; Marcos 14. 3-9 e João 12.1-11.

⁷⁴ Mateus 27.56; Mateus 27. 61; Mateus 28.1; Marcos 15.40; Marcos 15.47; Marcos 16. 1; Marcos 16. 9; Lucas 8.2; Lucas 24.10. Sebastiani informa que, em geral, tal precedência na Escritura não é casual (1995, p. 22)

⁷⁵ Para atingir a quantidade de vezes que Madalena é citada acrescente à lista anterior: Mateus 28.9; Lucas 8.3; João 19.25; João 20.1; João 20.11-18. Sebastiani afirma que não é isento de significado a quantidade superior de vezes que Maria é citada em comparação a todas as mulheres que acompanharam Jesus (1995, p. 38).

tem narrado sobre Maria Madalena é que Jesus expulsou dela demônios (WINTER, 2010, p. 163). Desta feita, tanto a identificação de Maria Madalena com a mulher pecadora, quanto com a irmã de Marta e Lázaro são, na verdade, um engano deliberado das exegeses bíblicas (BOER, 1999, p. 25). Winter afirma:

A mulher, digna de ouvir a voz do Salvador, naquele domingo de Páscoa, dizendo-lhe: Eu vos saúdo! (Mateus 28.9), e de ser encarregada por Ele de levar a mensagem da ressurreição, foi ofuscada na história cristã por uma calúnia. Ignorada por sua santidade, costuma ser lembrada por uma ignomínia que se apegou ao seu nome (2010, p. 164).

Hermenêutica de João 20 à luz do relacionamento entre Jesus Cristo e Maria Madalena. Didaticamente, o labor hermenêutico principia por meio de uma minuciosa análise do texto almejando saber o que ele, de fato, diz. A isso se chama exegese. Agora se segue à interpretação que visa assimilar as informações extraídas da narrativa, cerne deste trabalho, compreendendo e determinando-lhe o sentido, e, por fim, fazendo aplicação do resultado à vida daquelas mulheres.

Como marca do Reino de Deus, o Jesus homem arriscando seu prestígio e sua vida, contrapôs-se a todo sistema sóciorreligioso de exclusão, iniciando uma verdadeira transformação na forma de enxergar e de se relacionar com as mulheres, prática que foi vivenciada nos primeiros anos do cristianismo por muitas comunidades⁷⁶ (MESTERS, 2000, p. 17). Contudo, Lopes afirma que no período subapostólico⁷⁷, se fortaleceu uma corrente patriarcalizante quanto a institucionalização da igreja, fazendo surgir a comunidade do discípulo amado (1996, p. 102), que em fidelidade ao projeto de Jesus, manteve não apenas acessível, mas ocupado o espaço para a importante participação delas⁷⁸ (MESTERS, 2000, p. 17).

Em razão disso, é surpreendente o lugar que as mulheres ocupam nas narrativas do quarto evangelho (LOPES, 1996, p. 29) e, uma amostra da relevância delas nessa comunidade pode ser vista por meio das muitas experiências narradas, visto que o livro é inaugurado com o primeiro milagre de Jesus, o qual foi realizado por intervenção de Maria, sua mãe⁷⁹ e termina com o próprio Cristo, ressurreto,

⁷⁶ João 2.1-12; 4.1-42; 12.1-8; 20.1-18.

⁷⁷ Brown afirma que o segundo terço do século I ficou conhecido como período apostólico, o último como período subapostólico e o fim do século I como início do período pós-apostólico (1986, p. 17).

⁷⁸ João 2.1-12; 4.1-42; 12.1-8; 20.1-18.

⁷⁹ João 2.1-11. Lopes afirma que, em algum sentido, ela introduz Jesus em seu ministério público (1996, p. 30).

manifestando-se corporeamente, e pela primeira vez, para uma mulher, Maria Madalena (MESTERS, 2000, p. 54).

É possível afirmar que Maria Madalena fosse uma discípula de Jesus no sentido estrito da palavra⁸⁰? Para responder a essa questão é preciso saber quais são os parâmetros que definem a identidade dos verdadeiros discípulos de Jesus. Na comunidade joanina, o amor e o vínculo pessoal que seus discípulos possuíam com Ele eram a marca registrada do discípulo verdadeiro (LOPES, 1996, p. 35). Fazendo um paralelo entre esses critérios e a vida de Maria Madalena, Mesters relembra que

havia um amor muito grande entre Jesus e Maria Madalena, pois ela foi uma das poucas pessoas que tiveram coragem de ficar com Jesus, ainda que distante⁸¹, até a hora de sua morte na cruz, e que, depois do descanso obrigatório ela retornou ao sepulcro para estar no lugar onde tinha encontrado o Amado pela última vez. Mas, para sua surpresa estava vazio. Maria Madalena busca o Jesus que tinha conhecido e com quem tinha convivido durante três anos (2000, p. 132).

Respondendo afirmativamente a pergunta, Lopes afiança que o autor do quarto evangelho reconhece Maria Madalena como verdadeira discípula de Jesus por que após Ele chamá-la pelo nome, ela imediatamente O reconhece, vivenciando seu ensinamento que suas ovelhas o conheceriam⁸², não apenas intelectualmente, mas por terem contato pessoal e permanente com Ele (1996, p. 37).

Complementando a resposta, Ladislao afirma que foi no momento crucial da História da salvação, ou seja, na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, que Madalena aparece em lugar de destaque, como verdadeira discípula (1995, p. 74), sendo a “principal testemunha e assumindo um papel muito importante na comunidade dos discípulos” (LOPES, 1996, p. 37).

Outras condições também eram necessárias para que ela fosse considerada uma discípula: primeiro, a necessidade do chamado e, nesse sentido, a tradição é

⁸⁰ Sebastiani ensina que o termo discípulo pode ter duplo sentido: mais amplo significando simpatizante, seguidor da doutrina, conquistado pela nova fé ou mais estreito e técnico significando aquele que se coloca inclusive materialmente no seguimento de Jesus, compartilhando de seu empreendimento e aceitando ser ‘um dos seus’ perante o mundo (1995, p. 40). A pergunta acima se refere a esse segundo sentido.

⁸¹ Quanto às mulheres encontrarem-se aos pés da cruz como narra João 19.25, Reimer evidencia que, historicamente, é mais viável a narrativa de Mateus (27.55) e Marcos (15.40) que afirmam que as mulheres ficavam observando de longe. Essa preferência se baseia nas consequências que uma execução poderia acarretar para as pessoas próximas do crucificado (2000, p. 69).

⁸² João 10.14.

unânime em afirmar que sempre se trata de uma iniciativa de Jesus, por meio de atos ou palavras. Em termos de ação da parte do Mestre sabe-se por meio do evangelho de Lucas que ela se tornara uma discípula após ter vivido uma experiência de cura, e uma cura que muda totalmente uma existência pode certamente ser considerada um chamado (SEBASTIANI, 1995, p. 12; 44).

Quanto ao chamado por meio de palavras, o próprio Jesus chama Maria Madalena pelo nome, convocando-a a anunciar a revelação divina (TEPEDINO, 1990, p. 24). Sobre isso parece cheio de sentido que a última palavra de Madalena encontrada nos evangelhos sejam palavras do anúncio pascal: “Vi o Senhor” (SEBASTIANI, 1995, p. 40)

Outra condição é que o seguimento pressupõe uma entrega sem reservas, uma situação permanente de fé e obediência para toda a vida, pressupondo, inclusive, largar tudo (família, trabalho) para seguir o Mestre. Quanto a esse aspecto, basta uma rápida passagem pelos sinóticos, e será possível ver que Madalena estava junto a Jesus “durante todo o seu ministério profético, durante toda a sua trajetória de alegrias e dores, até a cruz, sepultura e ressurreição” (REIMER, 2000, p. 68).

Sobre esse seguimento, Sebastiani afirma que “o próprio fato que estas mulheres contribuía economicamente para a vida do grupo e que isso era aceito e referido com espontaneidade certamente é mais um testemunho do fato de que eram consideradas discípulas” (1995, p. 43).

Por fim, o serviço deve ser uma das características do discípulo. A ideia de serviço, que, pelos gregos⁸³ era considerado algo sem honra, teve seu conteúdo totalmente transformado por Jesus, passando a significar a atividade voluntária de amor ao irmão e ao próximo. Esse serviço devia ser realizado sob as mesmas condições, inclusive de perigo, aos quais se via exposto o Mestre, e nesse sentido, o discípulo não devia se resguardar esperando uma sorte melhor que a daquele (TEPEDINO, 1990, p.26; 37).

Apesar de Maria Madalena estar de luto, sofrendo por ter perdido alguém que não apenas seguia, mas quem amava profundamente e que com Ele tinha plena

⁸³ Tepedino enfatiza que a palavra serviço desperta aversão, como sendo algo humilhante, considerada uma atividade imposta por uma pessoa a outra que é o senhor. Na Grécia as tarefas desvalorizadas eram consideradas indignas do homem livre e o termo servir no grego profano é pouco honroso e desvalorizado (1990, p. 35-36).

comunhão como discípula, ela tomou a iniciativa de ir visitá-lo no túmulo na esperança de servi-lo, pela última vez, unguindo o seu corpo. Apesar do medo pelo perigo que corria⁸⁴, ela não hesitou em ir. “E foi neste contexto de medo que grande surpresa aconteceu em sua vida” (REIMER, 2000, p. 69).

O apóstolo Paulo evidencia duas credenciais imprescindíveis para ser um apóstolo⁸⁵: “ter visto o Senhor ressurreto e ser enviado por Ele” (LOPES, 1996, p. 36). Inegavelmente, Maria Madalena tem essas credenciais sobre si, visto que ela não apenas foi curada e libertada por Jesus tendo, por isso, se tornado uma seguidora fiel durante toda a vida do seu Mestre, e também por ter sido a testemunha da vida e morte de Jesus, em seu enterro e ressurreição. Mas, acima de tudo, por que foi enviada pelo próprio Jesus aos discípulos a fim de proclamar a Páscoa. Por essa razão, foi chamada de apóstola dos apóstolos⁸⁶ por Bernardo de Claraval⁸⁷ (apud FIORENZA, 1995, p. 90).

Como vimos anteriormente, o testemunho das mulheres, tanto em época anterior, quanto na própria época de Jesus, não possuía valor algum, era uma ideia impensável. Entretanto, Maria Madalena foi escolhida como testemunha-chave de vários eventos na vida de Jesus Cristo culminando na sua ressurreição. Ela foi “testemunha da crucificação, do enterro, do sepulcro vazio e da revelação” (BOER, 1999, p. 59). A isso se reputa apenas uma explicação. Ela foi escolhida para anunciar que Jesus ressuscitado tem a última e definitiva palavra da e sobre a história (CEVERINA, 1992, p. 155).

Enfim, todos esses múltiplos aspectos reunidos fazem de Maria Madalena uma discípula: ela O segue, O serve, O acompanha na dor, crê nele quando o

⁸⁴ Boer certifica que Jesus não foi condenado por um crime qualquer, e sim, como ‘rei dos judeus’, atitude que representava grande perigo ao Império Romano e, por isso, seus seguidores também corriam o mesmo risco de morte. Mas, o fato de Madalena ter se arriscado a ir ao túmulo não quer dizer que não corria perigo como seguidora Dele, mas, provavelmente sua ida tenha ocorrido sem muitos problemas, porque para as autoridades as mulheres eram menos importantes que os homens (1999, p. 59).

⁸⁵ 1 Coríntios 9.1-2; 1 Coríntios 15.8-11; Gálatas 1.11-16.

⁸⁶ Tepedino ensina que no grego profano a palavra apóstolo significa enviar tanto pessoas como coisas, despachar, remeter (1990, p. 50).

⁸⁷ Cairns afirma que muito da fama da ordem cisterciense, que aspirava corrigir a falta de disciplina no monasticismo da época, foi consequência dos esforços de Bernardo (1090-1153) do mosteiro de Claraval, o qual foi fundado por ele em 1.115. Homem humilde, inclinado à vida mística, prático e corajoso era procurado pelos papas e soberanos que se compraziam em ouvi-lo. Suas habilidades intelectuais, homiléticas e práticas fizeram dele o líder espiritual e o segundo fundador do movimento cisterciense (2008, p. 200).

encontra ressurreto, e, principalmente anuncia aos outros, aquilo que presenciou (LADISLAO, 1995, p. 76).

Então, qual foi o alcance das atitudes de Jesus Cristo com relação às mulheres de sua época? Elas afluíram para ele e, de forma prática, isso pôde ser visto na história da paixão, onde Maria Madalena, apesar de toda dor que estava sentindo pela perda de seu Mestre e amigo, manteve “uma fidelidade, de que não foram capazes os discípulos” (JEREMIAS, 2008, p. 331), visto que quando se depararam com o túmulo vazio voltaram imediatamente para casa e lá se trancaram “com medo, muita tristeza, enlutados e incapazes de agir”⁸⁸ (REIMER, 2000, p. 69).

5 CONCLUSÃO

Após ter lançado um olhar panorâmico sobre o ambiente que serviu como fundamento para a redação do quarto evangelho, o presente artigo volveu sua atenção para o livro intitulado “Livro da Paixão”, e de forma mais específica, concentrou sua análise no capítulo 20, versículos 10 a 18, palco da narrativa em que se passou o encontro de Jesus Cristo e Maria Madalena, apoiando-se na ideia que, de fato, na história do túmulo vazio a presença feminina é uma tradição mais antiga e original.

Se fosse possível sintetizar em poucas linhas, sem perder a essência tudo o que foi narrado nas páginas deste artigo, o que se diria é que a fé cristã se baseou tanto no testemunho quanto na proclamação do Evangelho por intermédio das mulheres, e de forma específica por uma única mulher, Maria Madalena, conforme narrado no evangelho de João.

E tudo isso foi possível por intermédio de Jesus que andando na contramão do sistema vigente transpôs os limites impostos pela sociedade, realizando feitos que tinham por objetivo libertar as mulheres de suas mazelas, situação essa que era considerada por muitos como subversiva e avessa as tradições daquele tempo.

Como forma de dar continuidade a obra realizada por Jesus, o que a comunidade do discípulo amado e, por consequência o evangelho de João fizeram foi retornar a essa mensagem genuína vivida por Cristo, sendo uma contrarresposta

⁸⁸ João 20.19.

ao sistema opressor infligido sobre elas, reiterando o que fora ensinado por Ele: No Reino de Deus, todos são convidados. Ninguém é excluído.

E quem era essa mulher, Maria Madalena, dentre tantas mulheres que seguiam Jesus em seu ministério terreno? Quem foi Madalena, a escolhida para ter a maior de todas as experiências que poderia almejar um discípulo: falar, pessoalmente, com Cristo ressurreto e ver a olhos nus o cumprimento da profecia ensinada por tanto tempo pelo próprio Cristo que Ele ressurgiria? Maria de Magdala, apesar de ser uma das mulheres mais conhecidas, é também o nome menos entendido e, talvez, o mais confundido da Escritura. O que se sabe, ao certo, é que ela foi libertada das trevas ao ter sido curada por Jesus após ele ter expulsado dela sete demônios.

E mais. A mulher Madalena, assim como tantas outras, vivia sob a égide de um sistema patriarcal, opressor, o qual usurpava das mulheres o seu direito a identidade na esfera pública. Contudo, Jesus Cristo não apenas devolveu a identidade a cada uma delas, como deu voz a elas quando por meio de Maria Madalena, concedeu-lhe a honra de ser a primeira mulher a ver o Cristo Ressurreto e anunciar a ressurreição. Esse evento permitiu a Madalena e a muitas outras mulheres uma ativa participação no ministério de Jesus, e um espaço considerável na vida religiosa, outrora impensável.

Baseado em tudo isso, nos lançamos a dar uma possível resposta ao questionamento: Em que medida o encontro de Jesus Cristo com Maria Madalena, ápice de todos os Encontros, afetou a vida dela e das demais mulheres naquele contexto em que viviam? De forma derradeira esse glorioso Encontro serviu para aplacar o grito, e não raras às vezes, o sussurro de dor daquelas mulheres, que eram humilhadas, silenciadas, marginalizadas, violadas e violentadas em seus mínimos direitos, visando suplantar aquele sistema que não guardava lugar para elas, ensinando a todos um novo jeito de ver e se relacionar com as mulheres.

Para tanto, o grande Mestre transformou Maria Madalena em discípula por meio do contato pessoal e amor mútuo, de maneira que ela o acompanhou por toda a sua vida e o seguiu até o fim, abdicando do convívio familiar, bem como do usufruto dos seus bens e conforto. Além disso, Maria de Magdala serviu Jesus em seu ministério terreno não apenas por meio de seus recursos materiais, mas também servindo-O com total dedicação e correndo todos os riscos, quando inclusive, após a Sua morte, foi ao jardim para embalsamá-Lo.

De igual forma, Madalena recebeu pessoalmente das mãos de Cristo, o mandato para ir falar aos discípulos sobre a ressurreição e ascensão de Cristo ao Pai, isto é, recebeu uma missão apostólica em que deveria ir e anunciar as Boas-Novas do evangelho, missão que conferiu a ela a posição de apóstola dos apóstolos, ou seja, posição de destaque em meio a uma sociedade que, normalmente, não via a mulher, e quando a via, era em plano secundário.

Essa missão conferida especificamente a ela, e não ao grupo dos discípulos, configura um paradoxo com a realidade vivenciada naquela época, tendo em vista que a mulher sequer era considerada capaz para os atos da vida civil, como por exemplo, herdar bens ou romper o matrimônio e, até ser servir como testemunha.

Dessa forma, esse Encontro narrado em João 20 entre Jesus Cristo e Maria Madalena permitiu que a maior notícia já proclamada, fosse em primeira mão, revelada às mulheres no jardim da ressurreição representando o alvorecer de um novo tempo. Disso não se tem dúvida. Mas, o que isso significa hoje? Isso é assunto para outro momento.

6 REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos**. Ananindeua: Knox publicações, 2006.

BIBLEWORKS for Windows. Version 6.0.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: SBB, 2008.

BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS-CHAVE HEBRAICO E GREGO. Tradução: João Ferreira de Almeida. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BOER, Esther. **Maria Madalena: discípula, apóstola e mulher**. São Paulo: Madras, 1999.

BRENNER, Athalya. **A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

BROWN, Raymond Edward. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. **As igrejas dos apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1986.

BRUCE, F.F. **Merece confiança o novo testamento?** São Paulo: Vida Nova, 2010.

_____. **João: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARSON, D. A. **O comentário do livro de João**. São Paulo: Shedd, 2007.

CARSON, D. A; MOO, Douglas J; MORRIS, Leon. **Introdução ao novo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CEVERINA, Irmã; MANOEL, Pe. **Anunciadoras do triunfo da vida**. In: HUEFNER, Bárbara; MONTEIRO, Simeí. O que esta mulher está fazendo aqui? Em busca da identidade perdida. São Bernardo do Campo: Editeo, 1992.

COENEN, Lothar, BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, V. I.

COENEN, Lothar, BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, V. II.

CULLMANN, Oscar. **A formação do novo testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1977.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do novo testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos**. São Paulo: Loyola, 1994.

FABRIS, Rinaldo; GOZZINI, Vilma. **A mulher na igreja primitiva**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do novo testamento: grego, português**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HÄGGLUND, Bengt. **Historia da teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

HARRIS, R. Laird; JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do antigo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário**. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. **Teologia do novo testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

KAISER, Walter C; SILVA, Moisés da. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura cristã, 2009.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao novo testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Introdução ao novo testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005.

KONINGS, Johan. **Encontro com o quarto evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LADISLAO, Maria Glória. **As mulheres na bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1995.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LOPES, Mercedes. **A confissão de Marta: leitura a partir de uma ótica de gênero**. São Paulo: Paulinas, 1996.

MCGRATH, Alister E. **Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes; OROFINO, Francsico. O encontro de Jesus com a mulher que ia ser apedrejada (Jo 8.1-11). **Raio-x da vida. Círculos bíblicos do evangelho de João**. PNV 147-148. São Leopoldo: CEBI, 2000.

MORACHO, Félix. **Como ler os evangelhos: Para entender o que Jesus fazia e dizia**. São Paulo: Paulus, 2006.

MORO, Fernanda de Camargo. **Arqueologia de Madalena: uma busca histórica da companheira de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MORRIS, Leon. **Teologia do novo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MOURA, Fátima Maria Carvalho Rocha de. **Maria Madalena: a discípula amada**. São Leopoldo: CEBI, 2013, Série: A palavra da Vida, PNV nº 304.

NÜSSE, Dietlind; SILVA, José Josélio; OLIVA, José Raimundo; BRITO, Arthur Tavares de. **Evangelho segundo João: O escândalo da partilha**. São Leopoldo: CEBI, 2006.

PALLARES, José Cárdenas. **Ternura de Deus ternura de mulher: a mulher no Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1995.

REILY, Duncan Alexander. **Ministérios Femininos em Perspectiva histórica**. Campinas: CEBEP; São Bernardo do Campo:Editeo, 1997.

REIMER, Ivoni Richter. **Patriarcado e economia política: o jeito romano de organizar a casa**. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org). Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo:CEBI/Sinodal, 2006.

_____. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e historia**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **O belo, as feras e o novo tempo**. São Leopoldo: CEBI; Petrópolis: Vozes, 2000.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico; gramática fundamental**. São Paulo: vida nova, 2004.

ROBINSON, Edward. **Léxico grego do novo testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

SEBASTIANI, Lilia. **Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da igreja cristã através dos séculos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2009.

SOARES, Esequias. **Gramática prática de grego: um curso dinâmico para leitura e compreensão do novo testamento**. São Paulo: Hagnos, 2011.

TEPEDINO, Ana M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1990.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no antigo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VELASCO, Carminã Navia. **Bíblia: caminho para libertação da mulher**. São Paulo: Paulinas, 1998.

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva: introdução ao novo testamento, aos apócrifos e aos pais apostólicos**. Santo André: Academia cristã, 2005.

VINE, W. E.; UNGER, F. MERRIL; JR., WILLIAM WHITE. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do antigo e do novo testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processo de interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 2007.

WEGNER, Uve. **Exegese do novo testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

WINTER, Rachel. **Mensageiras da ressurreição**. Curitiba: Biblioteca 24 horas, 2010.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.